

The Project Gutenberg eBook of Astucias de Namorada, e Um melodrama em Santo Thyrso, by Manuel Pinheiro Chagas

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Astucias de Namorada, e Um melodrama em Santo Thyrso

Author: Manuel Pinheiro Chagas

Release Date: July 7, 2009 [EBook #29342]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK ASTUCIAS DE NAMORADA, E UM MELODRAMA EM SANTO THYRSO ***

{I}

ASTUCIAS DE NAMORADA
E
UM MELODRAMA EM SANTO THYRSO

{II}

{III}

ASTUCIAS
DE
NAMORADA
E
Um melodrama em Santo Thyrso
ORIGINAL
DE
M. PINHEIRO CHAGAS

LISBOA
TYPOGRAPHIA PROGRESSO
40—Rua do Alecrim—40
1873

{IV}

{V}

PROLOGO

Este livro é um livro de verão. Fez-se para ser lido á sombra de uma arvore copada, á hora do meio dia, quando póde prestar-se apenas á leitura uma vaga attenção, e quando portanto se querem livros de enredo ligeiro e risonho, que nem resolvam problemas, nem arripiem os nervos.

As *Astucias de Namorada* estão escriptas ha largo tempo. As aventuras do seu manuscrito davam assumpto a outro romance; Teem de curioso o ser o seu entrecho baseado sobre um factu succedido realmente em Lisboa. Ha de haver leitores que o taxem de inverosimil, pois saibam que é verdadeiro. Mais uma vez tem razão Boileau

Le vrai peut quelquefois n'etre pas vraisemblable.

{VI}

O romance que fecha o volume, e que se intitula *Um melodrama em Santo Thyrso*, ponho-o aqui a titulo de curiosidade archeologica. Foi a minha estreia no jornalismo. Fundára-se a *Gazeta de Portugal*. Eu tinha conhecimento pessoal do seu proprietario, Teixeira de Vasconcellos. Procurei-o para lhe lêr o romance. Elle ia saír.

—Deixe-me vêr alguma coisa que lhe pareça melhor, disse-me elle.

Li-lhe tremendo a scena em que Eduardo descreve as physionomias dos litteratos lisbonenses; Teixeira de Vasconcellos rio-se, e tirou-me das mãos o manuscrito.

—*Il y a quelque chose lá*, continuou elle, isto para estreia basta. O seu romance ha de ser publicado.

E foi. Estava eu baptisado folhetinista.

Hoje, relendo o romance, sorrio-me das ingenuidades do principiante, e, para conseguir desculpa do leitor, vejo que não tenho remedio senão dizer-lhe retrospectivamente com Alfredo de Musset

*Surtout considérez, illustres seigneuries
Comme l'auteur est jeune, et c'est son premier pas.*

PINHEIRO CHAGAS {1}

ASTUCIAS DE NAMORADA

I

Havia baile, ou antes sarau dançante, n'uma casa em Almada.

N'um pequeno jardim, que se espraiava até a beira dos rochedos pendurados sobre o rio, vinham os grupos dos convidados descançar um pouco das polkas e das valsas, respirar, e relancear os olhos pelo delicioso panorama do Tejo, em cujas aguas traçava a lua como que uma estrada argentea. De quando em quando enchia-se o jardim de risos, de segredinhos; a lua illuminava por entre as folhas roupas alvejantes, que passavam fluctuando como o véo dos

syphos; depois pelas janellas abertas da sala saía uma bafagem de harmonia, proveniente dos primeiros compassos d'uns lanceiros, os grupos dispersavam-se e engolphavam-se em turbilhão pelas portas de vidraças, e o jardim ficava de novo solitario, mas não silencioso; porque n'elle se escutava o rumorejar da brisa, o echo da musica do baile, e o murmurio do rio que gemia docemente em baixo nas fragas. {2}

N'um dos intervallos das polkas, e quando o jardim se povoava de novo com os fugitivos do baile, um par, mais fatigado talvez que os outros, veio sentar-se n'uma especie de caramanchão, que ficava na extremidade do jardim, mais proximo da orla do rochedo, e por conseguinte quasi suspenso, como um ninho de gaivotas, sobre as aguas. Devo rectificar o que disse; não foram ambas as pessoas indispensaveis para formarem um par, não foram ambas as pessoas, que se sentaram; só o fez uma senhora de vinte e cinco annos talvez, alta, elegante, morena e viva, de olhos rasgados e cabellos negros, que scintillavam como o ébano á luz brilhante da lua cheia.

O cavalheiro ficou de pé, apesar de sua gentil companheira lhe ter visivelmente proporcionado um logar junto de si, como se podia deduzir do modo como aconchegou o vestido, fazendo occupar á crinoline o menos espaço possivel; mas essas piedosas intenções foram perdidas, porque o seu braceiro não ousou perceber-as, e conservou-se, como dissemos, em pé, ainda que os seus olhos ardentes, cravados no rosto da sua companheira, quando esta o não podia ver, denunciavam que não era a indiferença que o impedia de aproveitar o favor que se lhe queria conceder. {3}

E comtudo esse timido moço estava na idade em que esses favores se ambicionam com mais ardor do que aos trinta e cinco annos a pasta de ministro, estava na idade em que se devaneiam escadas de seda fluctuando ao sopro das auras, serenatas interrompidas por um amante cioso, amores aventurosos, mil perigos a atravessar para se obter um sorriso, uma flor, uma palavra, na idade feliz em que se inveja Leandro só ao pensar quantas vezes se teria accendido o pharol de Hero antes da terrivel noite, em que a morte, *envolta em horrendas vagas*, segundo a admiravel expressão de Bocage, arrojou um cadaver livido aos pés da torre, em que ainda não expirára o echo dos beijos da antecedente noite. {4}

E o timido rapaz alisava a luva branca, e procurava com frenesi uma palavra qualquer, que lhe não occorria em presença d'essa formosa senhora, cujos pés desejava beijar; e pensava que immensa felicidade não seria a sua, se em vez de estar sem animo, embaraçado e vermelho, diante d'ella, estivesse na outra margem do Tejo, e tivesse que o atravessar a nado para cair offegante e exanime junto d'esse adorado vulto. Então não seria necessario fallar; a sua pallidez, os seus olhos cheios d'amor diriam tudo, e muito infeliz seria, se a nova Hero, vindo-o ensoado por causa d'ella, lhe não dissesse alguma cousa que lhe desembaraçasse a lingua, e partisse o gelo, que se interpunha obstinadamente a dois corações, que anciavam por se unir.

A gentil senhora esteve um instante olhando para elle com um sorriso meio despeitado, meio zombeteiro, e afinal, vendo que a malfadada luva branca ainda não parecia sufficientemente alisada, meneou a cabeça com um gesto encantador, que fez ondular as suas tranças negras, e que espalhou na atmosphaera um aroma inebriante, aspirado com delicias pelo timido moço. Depois voltou os olhos para o rio, encostou a face á mão enluvada, e ficou-se a contemplar esse quadro magnifico. {5}

A noite estava linda, uma d'estas noites de luar, como o calido estio as envia aos paizes meridionaes. No céu d'um azul suavissimo, algumas nuvens, volteando em torno da lua, recortadas em mil arabescos pela brisa nocturna, embebidas todas no candido fulgor do astro da noite, pareciam as maravilhosas rendas do véu luminoso que Phebe arrasta pelo firmamento, em noites assim languidas e serenas. O Tejo desenrolava a sua immensa toalha liquida, prateada no centro pelo luar, e negra junto do caes, ou á sombra dos mastros dos navios immovéis nos ancoradouros. Ao longe Lisboa avultava, espriando a sua casaria á beira do rio, e pelas faldas das suas sete collinas. As longas fileiras dos seus candieiros de gaz formavam á borda do Tejo como que uma fita de chammas. Alguns barcos de pescadores deslisavam silenciosamente, soltando ao sopro da brisa as suas velas brancas. Este panorama, que só tem rivaes na bahia de Napoles ou na enseada de Constantinopla, devia fascinar quem o contemplasse, como a gentil senhora em quem fallamos, do caramanchão d'um jardim, cheio de arvores, onde expiravam os ultimos echos d'uma valsa, onde o luar, coando-se por entre as folhas, luctava com os luminosos reflexos, que dimanavam dos lustres, scintillando nas salas. {6}

Parecia ella effectivamente toda absorvida na sua contemplação, quando a voz tremula e profundamente commovida do seu joven companheiro a fez estremecer.

Essa voz, toda vibrante de paixão, dizia simplesmente estas palavras:

—Que... linda... noite!

—Lindissima, não é? respondeu ella, voltando para o seu interlocutor o rosto ainda encostado na mão, o que lhe permittiu erguer os olhos para elle sem levantar a face, dando assim ás pupillas uma expressão voluptuosa, que encerra um encanto irresistivel, um magnetismo fascinador... Como que parecem fluctuar na atmosphaera todos os sonhos dos poetas! Sabe no que eu pensava agora, vendo aquelle bote, que resvala á flor das aguas, como um cysne da noite? Pensava se seria esse o barco de Lamartine, e se levaria tambem dois amantes, que fossem murmurando um ao outro, com as mãos enlaçadas, as doces palavras que tanto nos encantam, quando o auctor do *Lago* as traduz na melodiosa linguagem da sua poesia. {7}

—Ah! bem sei, respondeu o desastrado:

Ainsi toujours poussés vers de nouveaux rivages...

—Oh! meu Deus, tornou a senhora visivelmente impacientada, conheço os versos, mas, como não quero prival-o do praser de os recitar, peço-lhe que me acompanhe á sala, e permitto-lhe depois que venha de novo confiar á lua e ao Tejo as inspirações de Lamartine.

E a formosa menina, rubra de despeito, levantou-se, e tomou o braço do seu interlocutor, que ficára fulminado por aquella inesperada apostrophe, e que debalde tentava balbuciar umas

palavras sem nexos.

Frederico era um moço esbelto de vinte e dois para vinte e trez annos, d'uma gentileza verdadeiramente notavel, d'um espirito intelligente e cultivado, d'uma bondade proverbial, mas tambem d'uma timidez invencivel. D. Lucinda, a gentil senhora que entra n'este momento na sala, podera apreciar as brilhantes qualidades de Frederico, ouvindo-o conversar desembaraçadamente em uma reunião intima, onde o seu acanhamento não tivera motivo para se revelar. Deslumbrada por esse esplendido conjunto de predicados, Lucinda tentára fixar a atenção do gentil moço, e a *coquette* conseguira-o em breve, mas, quando se tratára de dar o passo decisivo, manifestára-se toda a timidez do espirito virginal de Frederico. Era o seu primeiro amor, e só os tolos conseguem atravessar affoitamente essas columnas d'Hercules. Lucinda, experimentada n'essas questões, comprehendera primeiramente o embaraço do mancebo, e, lisongeando-se com isso, entendera tambem que o devia auxiliar. Mas o que animaria qualquer outro, acanhou ainda mais, se me permittem o termo, a timidez desconfiada de Frederico. Se Lucinda fosse uma timida menina, que córasse como elle corava, que tremesse como elle tremia, os olhos d'ambos fallariam tanto, as palpebras mesmo, abaixando-se a um tempo, teriam uma linguagem tão eloquente, que afinal os labios ver-se-hiam obrigados a traduzir em palavras esse mudo idioma. Porém, como podia succeder semelhante cousa, se o olhar ardente de Lucinda deslumbrava aquelle em quem se fitava, se a sua tranquilla superioridade assustava Frederico, e o fazia tremer a cada instante, com o receio de desempenhar o papel de criança ridicula diante d'essa esplendida mulher?!

O ridiculo, que espera nos dois extremos da estrada da vida tanto os que avançam como fanfarrões, como os que recuam com demasiada fraquesa, assustando Frederico que temia vel-o diante de si, assaltava-o quando elle para lhe fugir retrogradava sem ter animo para obedecer ao férvido olhar, que lhe dizia: «Ávante.» O pobre rapaz, vendo assim de subito desfeitos em pó os seus planos estrategicos, preferiria um abysmo abrindo-se-lhe debaixo dos pés a ouvir as palavras friamente zombeteiras de Lucinda.

Entretanto o baile findára, e os lisbonenses preparavam-se para atravessar o Tejo. Frederico e a familia de Lucinda eram as unicas pessoas, que tinham deprehender essa excursão. Era pouco mais de uma hora quando Lucinda e sua mãe pozeram as capas, e foram arrancar ás delicias do whist o patriarcha da tribu, que saiu furioso de ter de se embrulhar em dez mantas e de ter perdido dez *rob* consecutivos, Frederico, depois da scena do caramanchão, bem desejaria ficar, mas a mãe de Lucinda, sabendo que era elle o unico dos cavalheiros presentes que regressava a Lisboa, reclamou sem cerimonia o auxilio do seu braço para descer a ingreme calçada. Assim, Frederico viu-se obrigado a pegar no chapéu, e a seguir, supportando o peso da sua volumosa braceira, o pae de Lucinda, que se apoderára d'esta para lhe explicar durante o caminho as infernaes combinações que tinham dado em resultado a derrota memoravel d'essa noute, verdadeiro Waterloo nos seus annos de jogador de whist.

As circumstancias conspiravam-se todas contra Frederico. Chegados ao caes de Cacilhas, notou-se que apenas um barco se baloiçava nas aguas negras, que batiam murmurando nos degraus da escadaria. Bradou-se pelos barqueiros, que dormiam no fundo do bote, e, quando estes se levantaram, reconheceu-se que eram os remadores de Frederico. Os venerandos progenitores de Lucinda protestaram, em alta voz, contra a insolencia dos seus barqueiros, que os tinham posto inconsideradamente na dolorosa necessidade de atravessarem o Tejo a nado, ou de dormirem ao relento nas pedras humidas do caes. Frederico offereceu immediatamente o seu bote. Não era possivel proceder d'outro modo. Por infelicidade o barco era vasto bastante para que todos coubessem. Frederico viu-se obrigado a entrar e a sentar-se defronte de Lucinda. O pobre rapaz nem ousava levantar os olhos. Desfraldou-se a vela, e o barco resvalou silenciosamente á flor das aguas.

Os dois velhos tinham-se sentado na popa do barco. O vento, sem ser forte, era sufficiente para infunar a vela e para dar ao bote um leve balanço, que foi suavemente acalentando os dois esposos. Estes principiaram a bocejar alternadamente; depois foram deixando pender as cabeças até que tocaram quasi nos joelhos. Levantaram-se a um tempo, e olharam espantados, com os olhos meio abertos, para o céu azul. Depois os olhos fecharam-se de todo, e os comprimentos recommencaram. Pareciam dois mandarins *d'étagère*. Frederico e Lucinda a custo soffreavam o riso, e trocavam entre si olhares de intelligencia, que presagiavam uma reconciliação. Os dois velhos resmungavam palavras inintelligiveis, e recostavam a cabeça para traz, de fórma que a cabeça, em vez de lhes descair de pôpa a prôa, descaia-lhes de bombordo a estibordo, e de estibordo a bombordo, movimento bem combinado, que produziu um abalroamento, que os despertou a ambos.

—Senhor Azevedo, bradou a matrona indignada, não tem vergonha de vir a dormir no bote? Já me estragou as flores da cabeça.

—Senhora D. Leocadia, respondeu o velho com dignidade, veja se dorme com mais cautella para não amarrotar o chapéu das pessoas, que vão acordadas a scismar nos seus negocios.

Estas apostrophes promoveram a explosão das gargalhadas, já muito reprimidas, de Frederico e de Lucinda. O velho mirou-os com espanto, embrulhou-se mais na manta, encostou-se para traz e principiou a resonar.

—Este Azevedo sempre foi assim, disse a velha esposa fazendo côro com os dois, dorme em toda a parte... Como elle resona!

E dizendo isto, a boa senhora olhou com desprezo para seu marido, deixou descahir a cabeça, e entrou no duetto resonando igualmente.

A brisa refrescára, e, infunando a vela, fazia tombar o barco para um lado. Os marinheiros pediram a Frederico que se fosse sentar junto de Lucinda.

Já vêem que o acaso continuava a fazer das suas.

Foram calados um instante, com os olhos fitos na lua, que desdobrava a sua placida luz pelo céu azulado e pelas aguas do rio. A face formosa da antiga Diana reflectia-se no espelho

vacillante das ondas encrespadas pela viração. Ouvia-se o chapinhar das aguas batendo no costado de uma fragata immovel; um bote de remos passou rente do barco onde iam os nossos heroes. Os remos, sulcando a agua, erguendo-se e recaindo de novo, pareciam arrancar do seio do rio as palhetas luminosas com que o matizava a lua, e que depois lhe devolviam n'uma chuva d'alvas perolas. Um marinheiro, recostado ou antes deitado á pôpa, com os olhos vagamente embebidos no firmamento, dedilhava uma guitarra, e fazia-lhe vibrar nas cordas algumas d'essas melancholicas toadas das nossas canções populares. Muito tempo a corda fremente da guitarra enviou de longe aos ouvidos de Frederico e de Lucinda, a sua melodia toda impregnada n'uma vaga tristeza, e expirou ao longe n'uns quebros de indizível suavidade. Frederico suspirou.

{14}

—Pensa nos seus amores? perguntou Lucinda sorrindo.

—Amores, balbuciou elle, como, se os não tenho?

—Não os tem? Quem não tem amores aos vinte e dois annos?

—Eu que sou um desherdado da fortuna, eu para quem a natureza, mãe benefica de todos, sempre se tem mostrado implacavel madrastra, eu para quem as flores não tem aroma, nem luz brilhante o sol, nem suavidade melancholica o luar.

{15}

—Oh! meu Deus, exclamou Lucinda, quererá imitar esses Obermans da moda, que se declaram scepticos, quando ainda não tiveram nem sequer uma illusão, quanto mais as decepções que alardeiam?

—Não, minha senhora, tornou Frederico, tenho muitos ridiculos, mas d'esse livrou-me Deus. Porém sou um d'estes entes malfadados, que nunca ousam levar aos labios a taça que se lhes apresenta cheia a trasbordar; uma d'essas abelhas, a quem as rosas mostram o calice entreaberto, e que volteiam em torno d'ellas, sem ousarem ir delibar o seu mel na redoma fragante que se lhes apresenta. Sou como Rousseau, deitando as cerejas no avental de mademoiselle Galley, sem ousar ver os labios mais vermelhos do que os fructos, convidando-o e attrahindo-o. E o que fez mademoiselle Galley ao desastrado philosopho? voltou-lhe as costas, e foi zombar d'elle com as suas companheiras, deixando esse Tantalo d'amor a amaldiçoar a sua falta de audacia. Esse riso argentino, que Rousseau ouviu talvez trepado ainda na ceregeira, oiço-o eu a cada instante nos labios, que poderiam matar com duas palavras meigas esta sêde que me devora.

{16}

—E essas duas palavras ainda ninguem as proferio?

—Ninguem, respondeu Frederico suspirando.

—E com tudo, tornou Lucinda, conheço eu uma pessoa em cujos labios ellas fermem.

—E quem é essa pessoa? perguntou elle ancioso.

Lucinda estacou. Decididamente o proprio selvagem Rousseau perceberia melhor.

—Alguem, cujo nome lhe não posso dizer.

—Oh! diga ao menos a primeira letra.

Lucinda fez-se vermelha de colera, e mordeu os labios impaciente. Subito uma idéa qualquer, travessa de certo, illuminou-lhe o espirito, porque os labios, que mordera para occultar o despeito, mordeu-os afinal para suffocar o riso. Depois respondeu com ar de mysteriosa confidencia:

—Diga-me; não passa frequentes vezes pela rua de...?

{17}

—Porque? perguntou Frederico espantado.

—E, levando os olhos baixos até ao meio do comprimento da rua, quando chega a este ponto não os levanta instinctivamente, e não os crava n'uma varanda onde não ha só flores nos vasos?

—Assevero-lhe, minha senhora... tornou Frederico estupefacto a mais não poder ser.

—Oh! eu sou discreta.

—Juro-lhe...

—Não jure, mas prometta-me apenas uma cousa.

—Qual é?

—Escolher-me para confidente dos seus primeiros amores.

—Mas, minha senhora... bradou Frederico, desesperado por ver fugir-lhe o momento que tanto ambicionára, e que julgára já tão proximo.

—Silencio, respondeu Lucinda pondo-lhe a mão alva e tepida no braço, não vê que estamos em Lisboa?

Frederico não sabia se havia de beijar ou morder essa mão travessa, que lhe approximava da boca a taça do philtro suave do amor, para lh'o furtar depois aos labios calcinados. Afinal não fez nem uma nem outra cousa.

{18}

Mas effectivamente estavam em Lisboa. Nas aguas negras do Tejo, aqui e ali ainda prateadas por um raio da lua, que se insinuava por entre a intrincada floresta dos mastros das embarcações, ondeava o reflexo trémulo dos candieiros do gaz. Ao choque do barco parando de subito, acordaram estremunhados os progenitores de Lucinda. Frederico ainda esperava ao menos poder sentir o doce peso da gentil menina, ajudando-a a saltar em terra. Mas a volumosa

mamã offereceu-lhe o braço, e em medos e tremores reteve-o tempo bastante, para que Lucinda, ligeira como uma gazella, saltasse para o caes, poisando apenas ao de leve os dedos finos e alvos no braço d'um dos remeiros.

Frederico despediu-se pouco amavelmente dos seus companheiros de viagem, e teve vontade de mandar passeiar Lucinda, quando esta lhe disse ao ouvido:

—Não se esqueça do que prometeu.

É verdade que o pobre rapaz, voltando a cara com um gesto de amuo, não pôde ver o longo olhar, apenas levemente malicioso, com que Lucinda o seguia.

{19}
{20}

{21}

II

Na vespera d'esse dia, em que se passára a scena que narrámos recebera Lucinda d'uma sua amiga de collegio a seguinte carta:

Minha querida amiga

Que saudades eu tenho do nosso tempo de collegio! d'aquelles bons serões, que passavamos juntas, quando todas já estavam adormecidas, enquanto nós deixavamos divagar a nossa imaginação por todos os assumptos, por todos os sonhos, por todas as phantasias d'este mundo! como eu tenho impressa na memoria a tua palavra eloquente e colorida, e a audacia com que tu, com a superioridade da tua intelligencia, julgavas tudo e te arrojavas aos devaneios mais longos, chegando a assustares-me a mim, pobre criança, timida e fragil, que não ousava seguir-te nos teus vôos, e que ficava, pallida, vendo-te pairar por esses espaços desconhecidos, e contemplando na chamma da tua pupilla um reflexo do fogo intimo, que te devorava.

{22}

Creio que foi mesmo essa differença de genio, que tornou mais forte a nossa ligação. Tu consagraste á pobre orphã a amizade protectora das mães, eu tive por ti a veneração e os extremos de filha. Eras o roble e eu o vime, ou antes a hera que me enroscava a ti.

Mais velha do que eu, saiste primeiro do collegio, e deixaste a pobre criança, isolada no meio de companheiras com as quaes sempre me ligára pouco. Ah! como o collegio então me pareceu triste e sombrio, como a regente me pareceu insupportavel, como olhei com raiva e frenesi para os altos muros do jardim, e que odio tive á hora do recreio, outr'ora tão alegre, porque eu, fugindo ás brincadeiras das meninas mais novas, tu ás frivolas conversações das da tua idade, procuravamo-nos uma á outra, e passavamos horas infinitas a contarmos as nossas impressões, e a explicarmos o sentido dos sonhos da nossa noite.

{23}

Depois, os meus dias de jubilo foram aquelles em que recebia as tuas cartas; mettia-as no seio, e esperava com impaciencia a hora de descer ao jardim para as poder ler á vontade, longe do frivolo ruido dos jogos das educandas. Assim que resoavam na pendula as bemaventuradas vibrações, ahi descia eu toda jubilosa a escada, e ia esconder-me n'aquelle caramanchão tão nosso favorito, que ficava junto d'aquella fresta gradeada por onde ás vezes espreitavamos os raros passeiantes que atravessavam a nossa rua solitaria, tu achando sempre no teu espirito fertil um epigramma para arrojares aos pobres homens que passavam sem suspeitarem a rapida analyse a que n'um dado instante ficavam sujeitos, eu rindo, como uma louca, das tuas chistosas malicias.

Ahi lia pois, as tuas cartas, d'ahi te seguia n'esse mundo que me pintavas tão bello, como o espaço immenso assusta a avesinha apenas emplumada, que lança a cabeça fóra do ninho, e que segue em parte com inveja, em parte com receio os graciosos vôos que a mãe descreve nos ares, para a convidar a segui-la. Mas a fascinação do teu espirito vencia, como sempre, os receios do meu, e ficava com a tua carta nas mãos, pensando nos bailes, de que tu eras rainha, nos amores, que voltejavam em torno de ti, como as borboletas em torno da luz, e a que tu, incorrigivel *coquette*, te comprazias tanto em requeimar as azas.

{24}

D'ahi resultou que esperei anciosa, bem que timidamente, a minha saida do collegio, e que os prismas das tuas cartas me fizeram sonhar um mundo côr de rosa, que está bem longe, devo confessal-o, da realidade tal como ella se me tem mostrado nos quinze dias que já passei fóra do ninho da nossa infancia.

Effectivamente minha tia deu a minha educação por acabada, e levou-me para a sua companhia, muito contra vontade, segundo me parece. Não porque ella me não tenha affecto e pelo contrario; mas minha tia, optima senhora no fundo, tem um terrivel sestro; aos cincoenta annos quer ainda inspirar amor, e combate, com uma energia desesperada, as asserções da sua certidão de baptismo. Ora, uma sobrinha de dezenove annos, filha d'uma sua irmã mais nova, é um terrivel documento, que protesta contra os cabellos d'um ébano artificial, e contra a rebocada lisura do rosto de minha tia.

{25}

Ah! que vida vae ser a minha, se não acho meio de diminuir a minha idade, e de usar de novo fato curto. Minha tia, que ainda aspira a dançar com sufficiente ligeireza, e que não deseja entrar no numero das supplentes das contradaças, que só se convidam quando falta algum par para fazer a quadrilha completa, não me leva aos bailes, porque são, diz ella, perigosos para as meninas da minha idade, e até contigo mesma, perdôa-lhe, minha boa amiga, se não quer

relacionar, dando para isso razões frívolas, mas sendo o verdadeiro motivo os teus vinte e cinco annos que não podem ficar bem á amiga de collegio d'uma menina tão nova como eu devo ser, segundo os seus calculos.

Aqui vivo, pois, n'esta casa da rua de... mais triste do que no collegio, depois da tua partida, sem chegar uma unica vez á janella, lendo, bordando, desenhando, ou conversando com o meu piano, emquanto minha tia, preparada, enfeitada e auxiliada por todos os cosmeticos imaginaveis, passa o tempo á janella, travando cem namoros por dia, e apresentando, da altura do seu quarto no segundo andar, a cuja varanda se colloca de preferencia, um rosto juvenil, que illude um ou outro passeiante ocioso, que ande procurando pelas janellas quem lhe aceite as homenagens. {26}

O que me consola um pouco da minha vida insipida é um grande jardim, cheio de sombra e de mysterio, de flores e de aromas, onde passo as tardes, e onde muitas vezes me esqueço e me esquecem á noite, ficando eu largas horas scismando ao luar, e deixando-me ás vezes surprehender pelos primeiros clarões da alvorada.

Ahi tens a vida que eu passo, minha querida Lucinda; não achas que tenho razão para me lembrar com saudades do collegio? Escreve-me tu ao menos, já que minha tia se obstina em me ter reclusa, e em não me permittir a doce consolação de te vêr e de te abraçar; escreve-me, porque só as tuas cartas me ajudarão a supportar o fastio d'esta existencia. {27}

Tua boa amiga

Adelaide.

Comparem os leitores o que n'esta carta se diz com as indicações dadas a Frederico por Lucinda, e perceberão qual era a travêssa idéa da maliciosa rapariga. {28}

{29}

III

Renunciemos a descrever o despeito de Frederico, quando teve uma prova da completa indifferença de Lucinda no desprendimento com que ella se fazia interprete d'um outro amor. Depois folgou de ter encontrado um pretexto para desculpar consigo mesmo a sua desastrada timidez, e louvou-se de não ter avançado a ponto de se vêr collocado n'uma posição ridicula com pessoa que a aproveitaria com tão boa vontade. A todos estes sentimentos, que primeiro lhe tumultuaram no cerebro, succedeu o amor proprio offendido, «Pois que! dizia elle, é de marmore esta mulher? Está junto de mim n'aquella noite voluptuosa, toda impregnada de languidas emanações, de vagos murmurios, de maviosissimos fulgores, sente a minha respiração abrazada, crava os seus olhos nos meus, aperta as minhas mãos trementes, deixa-se embalar commigo, commigo como uma creoula na rede, pelo movimento lascivo das ondasinhas do Tejo, e nada d'isso a commove, e lhe faz perder por um instante ao menos, os seus habitos de *coquetterie*? A propria Leonora Falconieri de Feuillet sentiria uma vaga impressão amorosa n'aquelle bote que resvalava ao lume d'agua, todo banhado de luar, abrindo no rio um sulco phosphorescente, e Lucinda, depois de me ter abrazado toda a noite com o fogo infernal das suas pupillas, acaba por me fazer friamente a confidencia do amor d'uma das suas amigas? Oh! *coquette*. {30}

«Pois bem, continuava elle, hei de lhe fazer a vontade, hei de namorar essa mulher desconhecida, e será Lucinda a minha confidente? Oh! então, quando não tiver o receio do ridiculo que accomette um pretendente desastrado, então serei audacioso, então fallarei com eloquencia, então, far-lhe-hei sentir bem tudo o que ella perdeu, tortural-a-hei se não com os espinhos do ciume, pelo menos com os da vaidade ferida, triumpharei... e talvez conseguirei d'essa fórma attrahil-a e fascinal-a, como ella me fascinou a mim.» {31}

E o modesto moço, acabando este longo monologo, vestiu-se, alindou-se, e saiu com uns modos conquistadores, para passar pela rua de...

Logo no principio da rua elle ergueu a cabeça, e principiou a revistar as janellas; o coração pulsava-lhe com violencia, mas animou-se com a idéa de que se não veria obrigado a dizer uma só palavra, e um olhar não era cousa que muito custasse á sua timidez rebelde.

Effectivamente no sitio designado estava uma senhora á janella. Frederico fitou os olhos n'ella, e achou-a linda, apesar da distancia ou por causa d'ella; voltou a cabeça depois de passar, e encontrou de novo os olhos da galante menina, que logo os desviou o mais depressa que pôde, mas sem que podesse evitar o ter sido surprehendida em flagrante delicto. Frederico affastou-se triumphantemente. {32}

Uns poucos de dias se repetio esta manobra, sem que Frederico ousasse passar d'essas demonstrações visuaes, mas continuando com intrepidez o seu passeio diario. Afinal chegou a occasião de ir contar a Lucinda os seus novos amores. A sr.^a D. Leocadia d'Azevedo encontrou-o na rua, e convidou-o para jantar.

Á tarde desceram todos ao jardim, que tinha muro para a rua, e um pequeno mirante cercado de madresilvas. Os convidados dispersaram-se em grupos, e Lucinda e Frederico acharam-se sós no mirante.

A vista que d'alli se gozava era linda; via-se uma parte da cidade baixa, e do lado do Occidente a vista estendia-se desassombrada, sobre uma porção do rio, que se prolongava até ao extremo

horisonte.

Era ao cair da tarde; o sol atufava-se nas aguas, e illuminava com um resplendor d'oiro e purpura o horisonte, semeando de aureas palhetas o Tejo, rodeando com um nimbo luminoso o vulto distante da Ajuda, e mais além uma sombra tenue, uma especie de vapor doirado, que, pela posição, devia ser o vago perfil da torre de Belem.

{33}

A brisa fresca da tarde, ondeiando os cabellos de Lucinda, e meneiando brandamente os ramos e as folhas da madresilva, enchia os ares de perfumes. Frederico scismava.

—Esqueceu-se da sua promessa? perguntou Lucinda.

—Ainda se lembra d'ella? tornou Frederico amargamente.

Um relampago d'alegria illuminou os olhos da gentil senhora.

—Se lembro, tornou ella, sou uma credora inflexivel.

—Pois bem, respondeu Frederico, córando muito, e fazendo um esforço sobre si mesmo, deixeme agradecer-lhe o ter feito a felicidade da minha existencia.

—Sim? tornou ella ironicamente. Então ama-a loucamente?

—Se a amo! tornou elle cravando os olhos ardentes na formosa menina que tinha diante de si, tanto que nem eu suppunha que se podia amar assim. Oh! mas é que tambem é uma creatura celestial, tão bella que os anjos a invejam.

{34}

Lucinda mal podia soffrear o riso.

—E essa belleza, é provavelmente como a de Marilia, tornou ella, para a pintarem não bastam as tintas da terra, são necessarias as do céu. Por conseguinte nem ousou pedir-lhe que m'a descreva.

—Porque? Não a conhece! perguntou Frederico espantado.

Lucinda embaraçou-se, mas promptamente recuperou o sangue-frio.

—Somos amigas intimas, como sabe; comtudo não desgostaria de poder apreciar o seu talento de pintor.

Frederico fitou os olhos nos d'ella, como se tentasse prescrutar o seu pensamento. Lucinda desviou os seus.

Uma idéa, que elle julgou louca, passou pela mente de Frederico.

—Vou tentar, disse o timido rapaz, com mais animação do que a que lhe era habitual, e cravando pela primeira vez com firmeza e ardor os seus olhos ao rosto de Lucinda; e para me ser mais facil a tarefa, permitta-me que lhe narre como e onde me senti verdadeiramente deslumbrado pela sua rara belleza, e como ousei dizer-lhe com os meus olhos o amor immenso que me enchia a alma. Era a hora do sol posto; ella estava com a face encostada á mão e como v. ex.^a n'este momento. Nos seus olhos negros parecia fluctuar a vaga tristeza do crepusculo; os cabellos, arfando suavemente com a brisa, enquadravam-lhe uma fronte alva e limpida, tão limpida, que de vez em quando parecia que n'essa testa inundada de luz se via passar a vaga sombra do pensamento. Rodeiava-se de flores, que formavam ao seu doce vulto uma profunda moldura. Ao vel-a assim, melancolica como o anjo da tarde, suave e meiga, como a anjo dos celestes amores, pensei que a ventura suprema seria viver a seus pés, e enviando-lhe a minha alma n'um olhar, votei-lhe um affecto, profundo e ardente como os seus negros olhos.

{35}

Lucinda ouvia-o arrebatada; fôra isso mesmo o que ella desejava, fôra isso mesmo o que ella tivera em vista acenando-lhe com essa miragem d'amor da velha tia, amor nada perigoso, porque, da mesma fórma que a miragem, de longe podia fascinar, mas de perto conhecia-se o areial... dos cinquenta annos.

{36}

Se Frederico se deixasse arrastar pelo demonio da inspiração, e levantasse um pouco mais o véu de gaze com que encobrirá a sua declaração, Lucinda poderia auxiliá-lo, confessando-lhe o seu ardil, e quebrando d'essa forma o gelo. Mas infelizmente a maliciosa rapariga, um instante docemente perturbada pela eloquencia de Frederico, pensou de subito, quando elle findou o seu trecho, na ficticia inspiradora d'esse memoravel discurso, e deu aos seus labios uma expressão de riso reprimido, que bastou para que o espirito sensitivo de Frederico logo se retraisse, e tremesse de ter avançado tanto.

Lucinda percebeu o erro, e quiz remedial-o. Já era tarde. Frederico retirou-se desgostoso. Ella, vendo-o partir, bateu o pé com despeito. A *coquette* ia-se enleando nas suas proprias redes.

—É necessario que esta comedia acabe, murmurou ella com as lagrimas nos olhos, ainda que eu tenha de me lançar nos seus braços, como uma doida; porque sinto agora essa commoção desconhecida, de que tanto me fallavam, e de que eu tanto zombava. Amo.

{37}

{38}

{39}

Não conhecem os leitores o caracter de Lucinda, se supposeram que ella se importasse um instante só com o desejo que a tia d'Adelaide manifestára de não se relacionar com a amiga de collegio de sua sobrinha. Foi ella mesma que tomou a iniciativa; apresentou-se em casa da sua antiga companheira, não pareceu reparar na frieza da dona da casa, lisongeou-a na sua mania de combater a velhice, declarou alto e bom som que Adelaide era no collegio uma creancinha, de que ella fôra não a companheira, mas a protectora, a segunda mãe. Esteve quasi dizendo que a sua amiguinha entrára para o collegio ainda de mama. Estas asserções illuminaram n'um momento o rosto da tia, dissiparam como por encanto a sua frieza, e deram a Lucinda o logar d'amiga intima. Esta, affectava sempre tratar D. Marianna com familiaridade, fazia-lhe confidencias imaginaveis, e pedia-lhe egual franqueza. A boa senhora caiu no laço, e, córando pudicamente, principiou a narrar-lhe aventuras não menos suppostas, porque os namoros que obtinha desfazião-se sempre á luz traidora do dia, quando o desgraçado pretendente, fazendo sentinella á porta da casa, via a dois passos de distancia os encantos que o haviam fascinado da altura d'um segundo andar.

D. Marianna devia ter sido formosissima; e d'essa formosura extincta conservava olhos, onde ainda se não apagára de todo o sacro fogo. Eram elles o nucleo em torno do qual se agrupavam os feitiços artificiaes.

Notava, comtudo, Lucinda, uma extraordinaria tristeza em Adelaide. Preoccupada e melancolica, a loira creança, em vez de procurar a companhia da sua amiga de collegio, evitava-a pelo contrario, e parecia estar cada vez mais affeiçãoada á solidão do seu jardim. Debalde Lucinda tentava penetrar o segredo d'esta preocupação. Adelaide era impenetravel. Lucinda, devemos confessal-o, não insistiu muito, e, pensando unicamente no meio de deslindar a comedia, cuja teia imprudentemente urdira, depois de scismar alguns instantes na extraordinaria melancholia da sua amiga, não fez mais esforços para penetrar o mysterio.

Os seus amores é que progrediam maravilhosamente, Frederico fallava-lhe do seu amor tão fervidamente, acompanhava as suas confidencias com tão ardentes olhares, que não se podia duvidar que, apesar de toda a sua timidez, um levissimo impulso bastava para quebrar os cordões da mascara, e transformar n'uma declaração franca e discreta, as confissões que se trocavam enigmaticamente, por meio d'essas bemaaventuradas confidencias e que se commentavam e explicavam pelo fogo das pupillas.

Comtudo o momento decisivo approximava-se, estava já por tal fórma retezada a corda do arco, que por muito que Frederico hesitasse em despedir a frecha inflammada, ella partiria espontaneamente, n'um instante de exaltação. Vinte vezes Lucinda julgára que esse momento cubigado era chegado emfim, vinte vezes vira Frederico apertar-lhe a mão convulso, e mover os labios como se fosse a proferir a palavra que rasgaria o véu transparente, que encobria esses amores, e vinte vezes a mão lhe descaira gelida, e vinte vezes os labios se tinham cerrado sem balbuciarem um som. E comtudo não era a timidez de Frederico o obstaculo; n'esses instantes estava elle n'esse estado d'ebriedade doida, em que se não pensa, em que os sentidos, o espirito, a imaginação, tudo se acha exaltado a tal ponto que o mais timido se arroja a audacias que depois o fazem estremecer. É como esse instante rapido, em que nas batalhas o fumo da polvora, o troar da artilheria, os gritos de victoria, o clangor das trombetas exaltam os proprios covardes e os arrojam, momentaneamente intrepidos, ao centro das fileiras inimigas. Lucinda estava tambem demasiadamente commovida para que podesse gelar esse entusiasmo fervente com um sorriso ironico, uma palavra mordaz. Mas parecia que uma voz desconhecida, uma sombra fatal vinha murmurar ao ouvido de Frederico algumas palavras sinistras, e, remorso ou receio, Frederico ficava melancolico e sombrio, como os convivas de Lucrecia Borgia, ouvindo no meio dos seus cantos bachicos resoarem as notas funebres do côro dos monges.

Lucinda não percebia esta hesitação de nova especie, e receiando vagamente um novo perigo, resolvera dar á comedia o seu desenlace.

Duas palavras de Frederico decidiram-n'a de todo.

Um dia, depois de terem feito mil floreados sobre o amor a proposito ou antes a desproposito de intangivel, da vaporosa Laura d'aquelle Petrarcha inconstante, Frederico deixou pender a fronte melancolica, e murmurou:

—Pobre criança!

Lucinda ia desatando a rir; a frase «pobre criança» applicada á quinquagenaria tia era d'um effeito comico, ainda realçado pelo tom sentimental do romantico mancebo.

Mas, ao mesmo tempo, Lucinda sentiu um inexprimivel jubilo. Essa frase queria dizer: «Pobre victima, que julgas ser o alvo dos meus pensamentos, e que não és mais do que o escudo, que me serve para conquistar, com mais resguardo, o amor da mulher a quem adoro.» Assim, essas suas palavras eram uma confissão explicita do que se passava na sua alma; encerravam em si a chave do enygma.

Porém, Lucinda não desejava que esse sentimento de compaixão soasse indefinidamente no peito de Frederico Nunes; julgára que, apesar da distancia, o seu namorado chegasse a tomar a sério o amor de D. Marianna. A pretenciosa tia podia parecer uma galante senhora, bem conservada, nunca uma formosa rapariga. Lucinda sempre julgára Frederico cumplice do seu amoroso artificio. Vira que elle precisava d'um meio, por mais tenue que fosse, para fallar sem receio, proporciona-lhe a occasião de o obter. Se elle a acceitasse, é porque realmente a amava. Assim succedeu, e como, nos termos a que tinham chegado, o véu, além de ser inutil, era tambem prejudicial, tratou de o dilacerar.

Para isso dirigiu-se a D. Marianna, e disse-lhe que um mancebo elegante que nutria por ella a mais violenta paixão, que se julgava correspondido, se podia acreditar nos ternos olhares com que da janella o favorecera, sabendo a amisade que as ligava, e sendo da intimidade de Lucinda, se dirigira a esta para que obtivesse da sua amiga uma entrevista, em que lhe podesse declarar o seu affecto e o desejo que alimentava de o ver coroado por um feliz hymineu. D. Marianna caú das nuvens. Tinha distribuido os seus olhares ternos com tanta prodigalidade que não sabia qual dos felizes mortaes contemplados na distribuição, queria dar ao crepusculo da sua vida uma

ventura raras vezes reservada para essa idade, a d'um casamento por amor.

Escusamos de dizer que, depois da resistencia pudica e indispensavel, D. Marianna consentio na entrevista. Marcou-se dia, ou antes noite, porque D. Marianna, allegando a maledicencia das vizinhas, mas na realidade para não ter que affrontar senão a luz mentirosa das vellas, exigio obstinadamente que fosse a essa hora. Convencionou-se que Lucinda daria a chave do jardim ao aventureiro namorado, e que passaria aquella noite em sua casa para entreter Adelaide, e velar assim para que não fosse perturbada a amorosa entrevista. {46}

Combinado por este lado o plano estrategico, Lucinda dirigiu-se a Frederico. Disse-lhe que a sua amiga desejava ardentemente fallar-lhe, que o encarregava de lhe dizer que era tão urgente a necessidade d'uma entrevista que a obrigava a pôr de parte a modestia feminina, e a dirigir-se a elle, fiando-se na sua honra de cavalheiro. Demais uma senhora respeitavel assistirá á entrevista. Concluiu dizendo-lhe que era na seguinte noite que devia realisar-se a entrevista, ensinando-lhe a topographia da casa e dando-lhe a chave do jardim.

Lucinda dissera isto com voz artisticamente suspensa, como se debalde tentasse reprimir os soluços. Estava preparando uma explosão. Podia ser esse o instante supremo. Frederico devia talvez cair-lhe aos pés, e o susto que teria, elle o timido moço, de ter uma entrevista com uma mulher, apressaria o desenlace. Teria nesse caso a coragem do medo.

Effectivamente era esse o caminho que iam tomando as coisas. No primeiro impeto Frederico ia arrojarse aos pés de Lucinda, atirando para longe de si a chave do jardim. Mas a reflexão sobreveio, e o extranho rapaz apanhou a chave, e passando a mão pela testa, disse com voz firme: {47}

—Irei. É um dever d'honra.

Lucinda amaldiçoou os escrupulos do seu namorado. O destino obstinava-se; a comedia tinha de se representar até ao fim. {48}

{49}

V

Chegou finalmente o dia marcado, e esperado com impaciencia por D. Marianna. Lucinda andava perturbada, e tanto que nem deu por um redobramento de tristeza que se tornava bem visivel no rosto da sua amiga Adelaide, de quem ella se esquecia tanto. Adelaide primeiro fugira a escolhel-a para confidente, porque bem conhecia a sua indole sarcastica, e não queria expor os pobres passarinhos dos seus sonhos a terem a aza magoada por algum epigramma de Lucinda.

Mas pouco a pouco Adelaide sentiu-se despeitada, por vêr que á sua boa amiga era tão completamente indifferente o estado do seu espirito. Adelaide, vendo isto, julgou-se a pessoa mais infeliz d'este mundo; tinha na vida, negro o presente, o passado, e o futuro; o presente ensombrouva-lh'o a ciosa preocupação da sua vida, o passado, onde ella se engolphava com jubilo quando a realidade da existencia a torturava, ennegrecera tambem com a indifferença de Lucinda, o futuro, esse devaneira-o ella bem dourado, e bem cheio de luz, um sonho rapido e fragrante atravessara-lhe, e perfumára-lhe o viver.... mas esvaíra-se bem ligeiro como sonho que era, tornando apenas com a sua luz fugitiva mais espessas as trevas, que voltaram de novo a enlutar-lhe a mocidade. {50}

A amisade, que votava á sua companheira de collegio, e a profunda tristeza que a salteára, venceriam a resolução em que estava de conservar secreto tudo o que se passava no seu espirito, e o receio que tinha dos sarcasmos de Lucinda, se a indifferença d'esta não a ferisse mais do que todos os seus motejos. Mas Lucinda andava preocupada, Lucinda nem reparava na pallidez da sua amiga. Vir ella passar um dia a sua casa, prometter ficar á noute, e não lhe dirigir durante esse tempo todo, mais de quatro ou cinco palavras, era uma cousa que a pobre Adelaidesinha não podia perceber, e ainda menos, a intimidade subita que se estabelecera entre sua tia e a sua amiga. N'esse dia andou aquella toda azafamada a enfeitar-se, a pintar-se, a lustrar o cabello, a dispor *coquettement* a sala de visitas; Lucinda ajudava-a n'este trabalho, e trocava com ella em voz baixa palavras mysteriosas. Perguntou Adelaide, espantada de ver tantos preparativos, se se esperava alguém nessa noute, recebeu uma resposta secca das duas senhoras; e a pobre menina, suffocada em soluços, e não podendo conter as lagrimas, refugiou-se, levando um livro, no seu caramanchão favorito. Ahi desaffogou, derramou prantos copiosos, nomeou-se, por decreto proprio, a mais infeliz de todas as mulheres, e pensou que estava abandonada por todos, e que, orphã desde a infancia, era destino seu caminhar solitaria no mundo. {51}

Entretanto, descia a noute, e ella não pensava em voltar para casa. Lucinda, vagamente inquieta, não se tirava da janella. Apesar das palavras que Frederico dissera, ao receber a chave do jardim, Lucinda conhecia bastante a sua timidez organica (se assim podemos dizer) para suppôr que elle não ousaria nunca transpor o limiar da porta. Embebida n'esses pensamentos, esquecera-se completamente de Adelaide, e do encargo que recebera de a entreter, emquanto durasse a entrevista. D. Marianna, enebriada por aquella inesperada aventura, collocava as vellas de modo, que se conservasse na sala a tibia luz, aconselhada por Garrett, a penumbra tão util aos amantes, e duplamente util, a quem só dispõe d'esse recurso para combater, com mais ou menos vantagem, os inconvenientes d'uma certidão de baptismo, que já podia entrar na classe honrosa dos documentos historicos. {52}

Lucinda, encostada á janella do seu quarto, cravava os olhos na escuridão, procurando distinguir o vulto elegante de Frederico. De vez em quando ia espreitar á porta da sala e ria-se. D. Marianna, sentada no canapé, vestida com o fato mais fresco e juvenil, esperava magestosamente a visita d'aquelle a quem os seus encantos tinham rendido. {53}

Afinal, Lucinda viu um homem que se dirigia, envolto n'uma capa escura, para a porta do jardim. As pulsações febris do seu coração indicaram-lhe, mais depressa do que a vista, que era esse o vulto de Frederico.

A noute estava negra; mas um candieiro de gaz, illuminando em cheio a porta do jardim, permittia a Lucinda seguir todos os movimentos de Frederico. Viu-o hesitar, metter a chave na fechadura, tiral-a e affastar-se. Lucinda sorriu-se.

—Deita-a por cima do muro, e foge, murmurou ella.

Mas enganava-se; Frederico pareceu tomar uma resolução definitiva, tornou rapidamente a metter a chave na fechadura, abriu a porta e entrou no jardim.

—Está predestinado, murmurou Lucinda affastando-se da janella. Os seus tolos escrúpulos obrigam-n'o a enterrar-se até á cintura no tremedal do ridiculo. E depois quem sabe? Talvez depois de reconhecer a quinquagenaria formosura da Calypso que vae abandonar, o punjam mais os remorsos.

E Lucinda desatou a rir. Mas a reflexão veio, e uma sombra de melancholia se lhe espalhou no semblante. {54}

—Esta minha indole zombeteira, murmurou ella, ha de ser sempre um obstaculo á minha felicidade. Devo fazer penitencia. O ridiculo, a que expuz os dois actores da scena que se vae passar na sala, é enorme. Eu não o perdoava. Perdoal-o-ha Frederico? Perdôa de certo, perdôa e com que jubilo, em sabendo o motivo que me guiou! Mas não devo deixar passar uma noute sobre o seu resentimento. Agora mesmo, agora quando esse D. Quixote de donzellas cincoentonas voltar mal-ferido da sua justa cortez, farei como Altisidora, ousarei pôr de parte o pudor feminino para lhe dizer «Amo-te» e para o consolar com essa palavra só do encantamento da nova Dulcinéa.

E a travessa rapariga, desatando a rir, desceu a escada que ia ter ao jardim.

Não havia ainda luar como dissémos, porém, emquanto não surgia a rainha da noute no seu carro triumphal de madre-perola, as estrellas scintillavam com vivissima luz no ceu azul, e insinuavam os seus raios d'ouro pallido por entre a folhagem das arvores, que a brisa meneava. {55}

Lucinda esteve alguns instantes scismando tristemente. A *coquette* lamentava talvez o ter-se enleiado, para conseguir o seu fim, n'esse tão complicado enredo, que afinal a nada remedeiára, porque se via obrigada a dar o primeiro passo, exactamente como se não tivesse ideado tantas combinações machiavelicas para obrigar esse timido Cesar, que podia chegar, ver e vencer, a passar o Rubicon.

N'isto um vulto de homem appareceu, vindo do lado da habitação, cosendo-se com os troncos d'arvores, mas fugindo ligeiramente. Devia ser Frederico.

Lucinda avançou para elle, com o coração a pulsar-lhe violentamente.

—Frederico! balbuciou ella.

O homem parou.

—Sou eu, sou Lucinda, continuou a ousada menina n'esse momento mais timida do que elle, eu que venho expiar a minha culpa, e fazer-lhe a confissão que me absolve. Sim dil-o-hei, sem temer que me accusem de immodesta: «Amo-o». {56}

E as suas mãos procuravam as de Frederico. Mas coisa notavel, ou as mãos d'este se lhe esquivavam, ou D. Marianna, arrançando uma variante á mulher de Putiphar, em vez de lhe arrancar a capa, lhe arrancara as mãos.

Mas quando Lucinda passava do espanto á colera, recebeu um impulso violento que a fez ir, cambaleando, segurar-se a um ramo de jasmineiro, e ouviu uma voz grosseira e avinhada, que lhe dizia:

—Você, além de ser descarada, é ladra tambem? Dize-me ternuras, minha Phylis, mas larga os timidos volateis.

Lucinda soltou um grito horrivel, e fugiu como louca na direcção de casa. A esse grito sentiram-se passos precipitados, que vinham do fundo do jardim. Um outro homem lançou-se ás guellas do interlocutor de Lucinda, e uma outra voz juvenil de senhora começou a bradar por soccorro.

A este barulho correram os criados e destrancaram-se as portas, o jardim innundou-se de luz. D. Marianna appareceu com esplendida *toilette* á porta de casa, o causador d'este tumulto fugiu por cima do muro, deixando os seus despojos nas mãos do seu contendor, e Lucinda, que ficára offegante á sombra de uma alta figueira que se afferrava ao muro, pôde vêr, com doloroso espanto, a seguinte scena: {57}

Frederico victorioso, mas vermelho de colera e vergonha, tinha nas mãos, como tropheus da sua gloria, duas gallinhas. A pouca distancia estava Adelaide escondendo o rosto nas mãos. D. Marianna ficára como que petrificada, os criados riam e segredavam. {58}

{59}

Voltemos agora ao instante em que vimos Frederico desaparecer no jardim.

Os calculos de Lucinda peccavam pela base. A auctora d'este enredo não podia costumar-se a considerar Adelaide, que tinha menos seis annos do que ella, como uma mulher capaz de amar e de ser amada, não suspeitára que por baixo da varanda do segundo andar, onde estava Marianna, havia uma janella de peitos, que n'essa janella, por maior que fosse a reclusão em que Adelaide vivesse, ia esta espairecer por alguns instantes, que seria exactamente n'uma dessas occasiões que Frederico passaria, e que o vulto elegante e nobre d'este moço não produziria menos impressão na creança de dezanove annos, do que produzira na mulher de vinte e cinco. {60}

Frederico amava realmente Lucinda, e aproveitára com avidéz a occasião que se lhe offercia de vencer a sua timidez, e de ter com a esplendida *coquette* essas longas conversações d'amor, que nunca ousaria encetar se esse pretexto se lhe não proporcionasse. Mas a suave figura d'Adelaide não deixára de lhe fazer impressão, e a tristeza que principiava a ver na physionomia d'ella, á medida que os dias iam correndo, sem que essa troca de olhares tivesse resultados, causára-lhe um vago remorso. Parecia-lhe que essa formosa menina merecia mais do que servir de pretexto á poesia, de que era outra o objecto verdadeiro; parecia-lhe que elle commettia um crime, povoando de sonhos d'ouro aquella juvenil imaginação, para depois só os esmagar com a massa brutal do desdem.

Portanto aceitára a entrevista, como se acceita o calice d'amargura, que um dever nobre e elevado nos impõe a obrigação de bebermos. Queria fallar com Adelaide, confessar-lhe tudo, mostrar-lhe uma franqueza tal, humilhar-se tanto, que, se não lhe podesse amortecer a dôr, lhe lisongeasse pelo menos o amor-proprio e o impedisse de se ferir no doloroso espinho, que lhe ia fazer brotar na tenra haste d'essa namorada flor da phantasia. No mesmo dia da entrevista (era um domingo) entrava elle n'uma igreja. Acabava a missa, e no templo solitario estavam apenas duas mulheres, uma, elegante e airosa, parecia absorvida n'uma prece fervente, a outra, que era uma criada velha, mostrava impaciencia visivel de se retirar. {61}

Finalmente a devota senhora ergueu-se, e os seus olhos encontraram os olhos de Frederico, que reconheceu com espanto a mulher, cuja imagem o perseguia como um remorso. Estava pallida, os olhos azues languidos e tristes denunciavam lagrimas enxutas de pouco. Fitou um longo olhar em Frederico; este pallido e trémulo curvou-se respeitosamente, levando a mão ao coração, como se uma dôr subita o ferisse, e desviando os olhos d'ella, affastou-se rapidamente.

N'essa noite, como vimos, estava elle á porta do jardim. Entrou, e, apenas dera dez passos n'uma pequena alameda, encontrou um vulto feminino, que se dirigia vagarosamente para casa. Á luz do candieiro de gaz, que illuminava uma pequena porção da alameda, os dois reconheceram-se. Adelaide recuou um passo, e soltou um pequeno grito. {62}

—O senhor aqui! bradou ella com voz que debalde procurava tornar firme e austera. Ah! percebo, continuou ella como que ferida por uma idéa, e desatando a chorar, julga talvez que sou uma d'essas mulheres levianas, com as quaes basta empregar a audacia...

Não pôde dizer mais. Os soluços suffocaram-a. Audacia! Era a primeira vez que Frederico ouvia uma mulher dirigir-lhe semelhante accusação.

—Oh! juro-lhe que se engana, exclamou elle caindo-lhe aos pés e não reparando até no incomprehensivel espanto d'essa mulher, que, segundo elle julgava, fôra a primeira a conceder-lhe um *rendez-vous*, a ninguém n'este mundo merece mais respeito. Sou culpado, bem o sei, mas tudo vou resgatar com a minha franqueza extrema e sem limites. {63}

Adelaide não o ouvia; pendia-lhe desfallecida nos braços; não ousamos dizer que fosse completamente involuntario esse desfalecimento.

Frederico, consternado, olhou em torno de si, e vio um banco ao fundo da alameda. Segurando com o braço na cintura de Adelaide, foi-a levando para esse lado.

Adelaide caiu sentada no banco, e escondeu o rosto entre as mãos.

Frederico ficou silencioso junto d'ella. Sentia d'elle uma desconhecida perturbação. Aquelle encontro inesperado, a solidão e a noute, o perfume das flores, combinado com essas vagas e voluptuosas emanações das noites d'estio, esse vulto flexivel e airoso de mulher que lhe pendera nos braços, tudo isso, sobrevindo d'um modo tão imprevisto, o enebriava e entontecia.

Vendo aquella mulher tão linda, com o rosto banhado de lagrimas, o animo desfalleceu-lhe; como havia elle de dizer a essa creatura do ceu, quando estava elle mesmo sujeito ao indizível magnetismo, á fascinação do seu olhar, como havia elle de lhe dizer: «Illudi-a, sacrifiquei-a a uma *coquette*, fiz do seu vulto gracioso e angelico, anteparo, que me resguardasse do fogo d'uns olhos audazes, que me fascinavam e me queimavam?» {64}

Impossivel! completamente impossivel!

Por isso Frederico pôde apenas balbuciar:

—Perdoa-me?...

Ella abaixou para elle os olhos, em que atravez das lagrimas transparecia um amor immenso, e com voz suave, tremente, doce e suavissima, como vibração longiqua d'harpa eolia, murmurou:

—Perdoar-lhe! como lhe não hei de perdoar, se por este momento anciava, se o meu desejo era vel-o ahi onde está, e ouvir a sua voz? Oh! meu Deus bem sei que me vae julgar mal, bem sei que o devia repellir, que devia estranhar o seu proceder? Que quer? Não tenho animo. Ha tanto tempo que a ventura me fuge, que não posso fugir-lhe agora que ella me surge de subito! Depois eu sei que é cavalheiro, sei que me ama, li-o no seu olhar, e esse livro mysterioso para nós outras mulheres não tem segredos. Confio na sua honra, e sequiosa ha tanto d'esta suprema felicidade, ousou dizer-lhe: «Obrigada por ter vindo, obrigada por ter prevenido o meu secreto desejo, obrigada por ter lido nas minhas faces pallidas, nos meus olhos amortecidos a anciedade que me {65}

devorava, por ter adivinhado que morria longe de si, como a flor, a que falta o orvalho, como a arvore a que falta o sol.»

Frederico, arrastado por esta eloquencia ardente, fascinadora, auxiliada por uma indescriptivel melodia de voz, pelos murmúrios dulcissimos do jardim, sentia abraçar-se-lhe a imaginação, e o vulto de Lucinda, que por momentos fluctuava diante d'elle, esvaía-se ao longe como um sonho ao romper da alvorada, e as palavras d'ella, que primeiro se haviam interposto ao seu ouvido, e á voz d'Adelaide, pareciam-lhe agora tão frias e descoradas, comparando-as com essas phrases vehementes, que lhe iam ferir o coração, porque do coração partiam!...

—Minha senhora... balbuciou elle.

—Oh! chame-me Adelaide, tornou ella, apertando-lhe as mãos com impeto febril, e diga-me o seu nome para que os meus sonhos o saibam, e mo venham repetir á noite, depois de eu adormecer balbuciando-o. {66}

—Adelaide, que me enlouquece, bradou o mancebo com a cabeça em fogo.

—O seu nome, o seu nome!

—Frederico! murmurou elle e tão proximo d'ella, que os labios d'Adelaide pareceram aspirar essa palavra, assim que saiu da bocca do seu amado, como se temesse que a surprehendesse a brisa.

As arvores meneavam as suas folhudas copas impellidas pelo sopro da viração; a luz das estrellas tremia no ceu azul, e os seus pallidos raios, coando-se por entre os ramos, illuminavam frouxamente a alva fronte de Adelaide.

Subito soou um grito de mulher ancioso e dilacerante.

Frederico levantou-se d'um impeto, e correu para o sitio d'onde partia o brado; na escuridão topou um homem que fugia, estendeu as mãos e afferrou-se-lhe ao pescoço.

O resto sabem-n'o os leitores.

.....
D. Marianna, que, sentada no sophá, vestida, enfeitada, e collocada na sombra, debalde esperava a promettida visita, correu ao jardim, ouvindo o grito, e já lá encontrou os criados. {67}

Viu então o ladrão das gallinhas fugir por cima do muro, deixando os seus despojos no campo de batalha, Frederico empunhando os volateis, e junto d'elle Adelaide.

A tia ficou fula de colera, notando que sua sobrinha estava n'um *rendez-vous*, emquanto ella esperava debalde o seu. Era possivel mesmo que os dois não fizessem senão um.

—O que é isto? bradou ella. A menina com um homem no quintal!

—Minha senhora, disse Frederico abandonando as gallinhas, confesso que fomos culpados occultando a v. ex.^a os nossos amores, mas estamos a tempo de reparar essa culpa, porque tenho a honra de pedir a v. ex.^a a mão de sua sobrinha.

—O lugar é improprio bastante, respondeu seccamente D. Marianna, queira portanto sair. E a menina recolha-se ao seu quarto e seja mais prudente.

Debalde a pobre tia pedia explicações a Lucinda. Esta furiosa declarou-lhe que nada percebia, e no dia seguinte retirou-se para sua casa. {68}

D'ahi a quinze dias recebia uma carta de Adelaide, a qual, como podem suppôr, ignorava tudo o que se passára.

A carta dizia o seguinte:

«Minha boa amiga.

«Caso-me daqui a um mez. Não podes imaginar como sou feliz. Quero fallar comtigo muito, muito e muito.»

Lucinda rasgou a carta, e pizou-a aos pés com lagrimas de raiva. Ao outro dia tanto instou com seu pae, tão doente disse que estava que o resolveu, apesar da extrema repugnancia da sr.^a D. Leocadia em deixar Lisboa, a irem passar o resto do verão n'uma quinta que possuíam no Ribatejo.

FIM

{69}

UM MELODRAMA EM SANTO THYRSO

UM MELODRAMA EM SANTO THYRSO

I

Estou embirrando solemnemente com o titulo do meu romance. Um melodrama em Santo Thyrso, n'uma terra pacifica e bem morigerada, cujos habitantes mais notaveis pela sua respeitabilidade, lêem o *Flos Sanctorum*, e suspiram pelo tempo dos frades, d'esses incançaveis moralisadores e bemfeitores da população!

Eu podia inventar um enredo terrivel, e tornar editores responsaveis das peripecias mais criminosas do meu entrecho, alguns habitantes de quem eu tivesse tido razão de queixa, quando estive em Santo Thyrso (porque eu estive em Santo Thyrso, oh! patricios alfacinhas) mas n'aquella boa terra não fui offendido senão pelas pulgas da estalagem, e, a respeito de pulgas, nem mesmo as industriosas são proprias para personagens de melodrama.

Mas eu não quero inventar, quero apenas ser chronista da muito veridica historia (chavão infallivel) que passo a contar a quem tiver paciencia de me ler, e declaro desde já aos Santo Thyrsenses, que, se os factos, que historio, teem uma apparencia melodramatica, a culpa não é minha... é dos acontecimentos.

Anoitecia; a tarde, apesar do outono ir já adiantado (a acção do meu romance passa-se em novembro), tinha estado linda, e até mesmo quente; mas ao pôr do sol levantára-se um vento fino e glacial que ameaçara os prudentes frequentadores da botica com um diluvio de catarrhos e constipações, e os narizes dos veneraveis minhotos, victimas d'um abuso de confiança atmospherico, tinham obrigado os seus donos a procurarem um abrigo nos lares domésticos, para não apanharem o ar humido da noite, quando, segundo o seu costume, abandonassem o gamão, para voltarem para casa a horas mortas.

A horas mortas?! Sim, não posso deixar de confessar que a perversão dos costumes tinha chegado a Santo Thyrso! Uma roda de jovens extravagantes, todos de menos de sessenta annos de idade, haviam instituido, com grave escandalo das pessoas sérias, o costume de se recolherem ás dez horas!!! As dez horas! As dez horas, raça degenerada! Quando, no quintal fronteiro á botica, as gallinhas se recolhiam á capoeira, não vos parecia ver passar d'envolta com ellas as sombras venerandas dos vossos avós, aconselhando-vos o regresso a casa?! Netos degenerados, as cinzas dos vossos antepassados tremem de indignação, não vos sentindo ressonar ás oito horas da noite... Horror!

Fataes consequencias do progresso! E por toda a parte vae lavrando este contagio funesto. Tudo está impregnado de immoralidade; a litteratura mesmo está viciada. O adoradores do passado, compadecei-vos de nós! Actualmente lêem-se os romances de Alexandre Dumas, filho. No vosso tempo lia-se o *Cavalheiro de Faublas*, e a *Justina* do marquez de Sade. O tempos felizes d'outr'ora! O moral das passadas éras!

Começo eu a perder-me em digressões. É um defeito, que confesso humildemente; prometto emendar-me d'elle, e vou entrar immediatamente na minha narração.

Começava pois a anoitecer, quando á porta de uma das melhores casas de Santo Thyrso um moço e esbelto official de caçadores se apeava de um cavallo, que mereceria uma descripção especial, se o meu protesto de me deixar de digressões não fosse ainda tão recente. Basta dizer-se que o sendeiro de Nicolau Tolentino era um prodigio d'obesidade, comparado com o ente (rebelde a toda a classificação zoologica), em que vinha montado o nosso joven official.

A casa, junto á qual tinha parado o intrepido rocinante d'aquelle D. Quixote arregimentado, tinha uma apparencia seductora para um lisboeta desterrado na provincia. Via-se que o proprietario attendera ás condições de elegancia e conforto, quando mandou construir a casa. Duas senhoras novas ainda, soffrivelmente feias, um tanto pardas, e ambas de luneta, adornavam ou desadornavam uma das sacadas. Os sons d'um piano desafinado, (como qualquer piano d'um terceiro andar da baixa, e tocado com a mestria com que o poderia tocar em Lisboa a menina da casa, filha d'um negociante rico, em funcção de annos com entusiasticos applausos dos convidados... se o serviço ao chá foi bom) chegaram aos ouvidos do official de caçadores, e vieram demonstrar-lhe que os instinctos phildeharmonicos da nova geração feminina se revelavam em Santo Thyrso com tanto vigor, como na terra das alfices.

O nosso lisboeta (o rapaz effectivamente era de Lisboa) complimentou aquelles dois exemplares do sexo feminino, tirados em papel pardo, e perguntou:

—V. ex.^{as} teem a bondade de me dizer se mora aqui o sr. Bernardo da Fonseca Guimarães, antigo negociante?

—Sim, senhor, respondeu uma das interpelladas, é meu pae.

—N'esse caso tem a bondade de lhe dizer que lhe trago uma carta do seu amigo de Lisboa o sr. Antonio Ricardo de Sousa.

—Ó *paesinho*, tornou a rapariga, voltando-se para dentro, está aqui um senhor official, que o procura. {76}

—Manda subir, Adelaide.

Ao mesmo tempo abriu-se a porta, e o nosso amigo, depois de ter atado á aldrava a redea do rocinante (o arrieiro chamava-lhe redea, com o mesmo direito com que o governo chama barão a um lapuz opulento), subiu a escada, no patamar da qual encontrou o nosso Bernardo Guimarães, em chinellos de moiro, na mão um barrete conico, em fórmula de apagador, e prompto a receber diplomaticamente a visita inesperada.

—*Antão bossenhoria* traz-me uma carta do meu amigo Antonio Ricardo? Ora pois, muito estimo, muito estimo. Como está aquelle maganão?

—Menos mal!

—Elle d'antes padecia muito de callos!

—Ainda hoje.

—Ora bom, entre aqui para a sala... como se chama *bossenhoria*? Quero apresental-o a minhas filhas, a quem dei uma educação, que não a teem melhor as fidalgas de Lisboa! Como é a sua graça? {77}

—Eduardo Augusto d'Almeida Teixeira.

—Vá entrando, vá entrando que eu vou ler a carta do meu Antonio Ricardo.

Eduardo Teixeira entrou na sala, e achou-se em frente das duas pardas, que já tinha visto, e d'uma terceira, que estava sentada ao piano, bonita fallando em absoluto, e formosissima comparando-a com as outras. Lindos olhos pretos rasgados, um pouco morena, grande a bocca, mas não muito desgraciosa,—tal é o retrato da desalmada pianista.

Eduardo comprimimentou-as; ellas responderam com um cumprimento ceremonioso, e ficaram todos em silencio.

As raparigas olhavam para Eduardo, como olhariam para um objecto de curiosidade; e o nosso alfacinha, que não gostava de ser contemplado como se fosse um macaco de especie rarissima, ou um embaixador japonês, entendeu que devia sair d'aquella posição embaraçosa, lançando mão da primeira banalidade, que lhe occorresse. Lembrou-se que ao subir a escada tinha ouvido o *La dona é mobile* desfigurado com a maior bulha possivel pela pianista provinciana. {78}

Foi uma idéa salvadora! Eduardo, por conseguinte, puxou os punhos da camisa, torceu o bigode com toda a affabilidade, tossiu agradavelmente, esboçou no sorriso o prologo de uma fineza, e disse com o tom mais mellifluo que pôde encontrar:

—Minha senhora, eu assim que entrei n'esta casa, tive uma surpresa muito agradável.

—Sim, então qual foi? tornou a martyrisadora de Verdi.

—Ouvi tocar admiravelmente no piano um trecho do *Rigoletto*.

As tres meninas olharam umas para as outras boquiabertas. Finalmente a pianista desfez provisoriamente o ponto d'admiração em que tinha transformado a cara, e exclamou:

—É espantoso! Como conheceu!

—Mas, minha senhora... observou Eduardo.

—Não admira, é de Lisboa, interrompeu uma das pardas.

—Mas, minha senhora... acudiu o lisboeta.

—Frequenta muito o theatro lyrico, tornou a parda n.º 2.

—Mas, minha senhora... continuou Eduardo já aterrado por aquella insistencia. {79}

—Oh! o theatro lyrico, acudia a pianista em tom inspirado, e arregalando muito os olhos, o santuario do prazer. Como deve ser bello! Vio a Lotti, sr. alferes? Tem ouvido o *Rigoletto*? Como elle conheceu!

Eduardo scandalisou-se; o espantarem-se de que elle conhecesse *La dona é mobile* era a maior offensa que se podia fazer aos seus conhecimentos musicaes, por isso não pode deixar de responder:

—Mas, minha senhora, em Lisboa não ha um só gaiato, que não conheça este trecho.

—Ah! é vulgar!

—Sim, minha senhora, é do dominio do realejo.

N'este momento entrava na sala o sr. Bernardo Guimarães. Vinha com uma cara prazenteira, oculos no nariz, e sorvendo com delicia uma pitada de simonte.

—*Antão* já se conhecem, bradou elle, olhem que este senhor é afilhado do nosso Antonio Ricardo. *Antão* está agora em caçadores 7, e tem licença de um mez? Anda a ver o nosso Minho. Isto para quem vem de Lisboa, não tem que ver. {80}

—Ora se tem, sr. Guimarães! é um torrão abençoado. Que deliciosas paisagens, que magnificos panoramas! É realmente uma provincia muito pittoresca, e muito curiosa até pelas suas recordações historicas. Guimarães possui reliquias archeologicas importantissimas, e é pena que as não saibam avaliar devidamente, e que profanem os venerandos monumentos do berço da monarchia, sarapintando de verde e azul, por exemplo, a pia do baptismo de D. Affonso Henrique.

—Ora, não me venha com lérias. Os conegos fizeram muito bem. Estava a pia suja, que mettia medo, e envergonhava a collegiada. Ha mais tempo que o deviam ter feito. Vejam como agora está bonita. Ninguem ha de dizer que tem oitocentos annos a tal pia. Vão lá adivinhal-o. Agora nem o mais pintado.

E o bom do negociante confirmava a sua dissertação artistica com o silvo estrondoso d'uma pitada.

—*Bossenhoria* agora fica comnosco alguns dias, tenha paciencia. Hei de lhe dar agua da fonte da Maria Velha, que tem a virtude de fazer que quem a bebe só com muito custo saia de Santo Thyrso. Já tem um quarto preparado, vá descançar um pouco, depois ceia comnosco ás sete horas, sem cerimonia, sem cerimonia. {81}

—Ó *paesinho*, observou a mais bonita das filhas, este senhor póde ser que esteja costumado a tomar chá e *tostas*, veja lá não lhe faça mal ceiar.

—Oh! não, minha senhora, muitissimo obrigado; o meu estômago é d'uma flexibilidade espantosa, presta-se a todos os usos gastronomicos das differentes terras. Isto para um militar é essencial.

—Bem dito, bem dito, tornou o sr. Bernardo, até d'aqui a pedaço, hein?

—Até já, minhas senhoras; um creado de vv. ex.^{as}

E Eduardo Teixeira saiu da sala, guiado pelo seu hospedeiro. {82}

{83}

II

Vamos nós, amigo leitor, assistir á ceia do sr. Bernardo Guimarães. O digno negociante não se deve zangar comnosco; eu pelo menos vou com o proposito firme de não lhe acceitar cousa alguma; porque ao amaldiçoado caldo verde, e ao detestavel vinho verde tenho um odio particular. Venho simplesmente, como grande curioso que sou, espreitar o aspecto da mesa, e ver se pesco a conversa dos convivas, que deve estar interessante.

Ao pé do respeitavel sr. Bernardo, está sentado o nosso alferes de caçadores, a cair de somno, segundo parece; porque as palpebras cerram-se-lhe a miudo, e os bocejos, apesar dos esforços incriveis que faz para os reprimir, tornam-se cada vez mais frequentes. {84}

Á esquerda do nosso Eduardo Teixeira senta-se a veneranda metade do venerando Bernardo. Cincoenta vezes tem florido a amendoeira desde, que Santo Thyrso teve a gloria de produzir um dos mais feios especimens da fealdade humana. Apesar d'isso, rosnavam os maldizentes que um certo mestre de meninos da villa se encarregára do papel de Cyrineu, que ajudasse o sr. Bernardo a levar aquella cruz desdentada ao Calvario matrimonial. Linguas damnadas, que não poupam nem a virtude... nem os mestres de meninos.

Defronte estava sentado o sobredito sr. Themudo (que este era o nome do chichisbéo) homem rubicundo, e de proporções herculeas, capaz de levar trinta cruces, principalmente carunchosas como aquella, ao Golgotha mais elevado.

Este senhor estava flanqueado pelas tres meninas da casa, e felizmente para o equilibrio gastronomico, ficava elle d'esse lado da mesa, porque as filhas do negociante, donzellas vaporosas e ideaes, achavam feio comer diante de gente; mas o nosso amigo tratava com muito cuidado do seu estomago, do coração de D. Belizaria Guimarães, e da cabeça do ex-negociante, porque comia como quatro, deitava olhos ternos á respeitavel matrona, e aconselhava o uso do chinó ao marido, que se queixava de frequentes constipações na cabeça. {85}

No momento em que eu e o leitor começámos a espreitar aquella scena domestica, tinha um formidavel prato de arroz doce entrado em scena, e o nosso Eduardo Teixeira, apreciador d'esses doçuras gastronomicas, atacava-o com um denodo, que honrava sobremaneira o valor do seu... appetite.

As meninas da casa entretanto apoquentavam-n'o com perguntas ácerca de Lisboa, do casamento do rei, dos theatros, dos litteratos, emfim, de todas as cousas da capital, d'esse elderado das donzellas pretenciosas das provincias.

—Então, diga-me uma cousa, sr. Teixeira, como ia vestida a rainha no dia do casamento? {86}

Eduardo, que em questões de *toilettes* femininos era perfeitamente um selvagem, e que demais estava saboreando com delicias uma colher d'arroz doce, respondeu com toda a serenidade:

—Ia vestida de verde, branco e escarlate.

—Uma noiva!

—Sim, minha senhora, trajava as côres italianas, para mostrar o affecto que tem á sua patria!

—Mas os jornaes não fallavam em tal cousa!

—Ora, os jornaes sabem lá o que dizem,—respondeu Eduardo cortando com a colher a questão, e um castello d'arroz doce, que se formára ao canto do prato,—os jornaes estão sempre pessimamente informados.

Ninguém ousou replicar; fallára o oraculo lisbonense, emmudeciam os profanos da provincia.

—Ó sr. Eduardo, exclamou a menina Adelaide, que era uma das pardas, já leu o *D. Jayme*?

—Já, sim, minha senhora; v. ex.^a tambem o leu, segundo vejo. É um bonito poema. {87}

—O que é isso do *D. Jayme*? perguntou o sr. Bernardo.

—O meu amigo nunca leu aquella sandice, observou o mestre de meninos em tom... de mestre de meninos, fez bem, fez bem; é um pessimo livro; tem um erro de grammatica, e meia cacophonia; e demais a mais é revoltantemente immoral, accrescentou elle, lançando um olhar terno para a mulher do seu amigo.

—O sr. Themudo deve ser muito entusiasta da *Historia da Imperatriz Porcina*, observou Eduardo com a maior gravidade.

—Não desgosto, não desgosto; mas lá o *D. Jayme*, não presta para nada; e aquelle pateta do Castilho a elogial-o... Ora o Castilho sempre é homem, que quer ensinar as creanças com um methodo racional! Como se, para ensinar meninos, fosse necessario ser racional! Aqui estou eu para prova do contrario. Ensino os pequenos com a cartilha do mestre Ignacio, e no fim de quatro annos estão promptos. Eu cá sou assim.

—Diga-me uma cousa, sr. Teixeira, conhece o Thomaz Ribeiro? perguntou a pianista.

—Se conheço o Thomaz Ribeiro? Perfeitamente, minha senhora, tornou Eduardo, que tinha adormecido quasi, ouvindo o discurso do sr. Themudo. {88}

—Então diga-nos como é a physionomia do poeta?

—Cabellos louros, e olhos azues!

—Ah! é! logo vi que havia de ser assim, e o Julio Machado, conhece-o?

—Ora essa... minha senhora... se conheço o Machado, conheço-o como os meus dedos.

—Descreva-o lá.

—Cabellos louros, e olhos azues.

—Ah! tambem?!

—Tambem, sim, minha senhora, estatura ordinaria, e bocca regular!

—E o nariz, e o nariz?

—O nariz, tornou Eduardo surprehendido em flagrante delicto de contemplação diante d'um copo de vinho do Porto, que estava observando á luz; o nariz arrebicado!

—Arrebicado, tornaram as raparigas em côro, e depois voltando-se umas para as outras accrescentaram em *rezza-voce*: O auctor das *Scenas da minha terra* tem o nariz arrebicado! {89}

—Já se vê, minhas senhoras, observou Eduardo, nariz de folhetinista! Todos os folhetinistas teem o nariz arrebicado!

—Ora essa, então a mana Emilia, respondeu uma das pardas apontando para a pianista, a mana Emilia deve escrever folhetins, tem o nariz arrebicado.

—Exactamente, minha senhora, se tivesse o nariz aquilino, aconselhava-lhe que escrevesse poemas epicos, ou tragedias em cinco actos!

Eduardo, julgando-se livre de interrogatorios, dispunha-se a pedir licença para se retirar, quando a mana Emilia accrescentou:

—Gostou do *Prato d'arroz doce*?

—Muito, minha senhora; os ovos estavam em muito boa conta, o assucar magistralmente distribuido, e a canella dizia-lhe muito bem!

—Mas eu fallo do romance de Antonio Augusto.

—Ah! o romance está muito bem escripto, é uma bella obra!

—Conhece o Teixeira de Vasconcellos!

—Ora essa, n'isso nem se falla... sou intimo amigo d'elle. Inda v. ex.^a me pergunta se conheço o Teixeira de Vasconcellos! {90}

—Descreva-nos lá a cara d'elle. Nós temos muita curiosidade de conhecer a physionomia dos litteratos notaveis!

—Oh! o Antonio Augusto! Tem cabellos louros e olhos azues!

—Então todos os litteratos de Lisboa teem cabellos louros e olhos azues?

—Todos, minha senhora, exceptuando os ultra-romanticos, que esses teem olhos verdes e cabelo ruivo, e se me dão licença, minhas senhoras, retiro-me; porque estou caindo de somno e de cansaço.

E saiu, deixando ficar os seus hospedeiros, como se vê, perfeitamente conhecedores da physionomia dos litteratos lisbonenses.

{91}

III

No dia seguinte acordou Eduardo sobresaltado, ouvindo o piano revoltar-se em guinchos desafinados contra os incriveis tormentos, com que uma das meninas martyrisava o inoffensivo teclado.

Eduardo julgou que seria pelo menos meio dia; saltou fóra da cama, e correu á janella. Um nevoeiro densissimo não deixava calcular as horas pela altura do sol. O nosso alferes tinha vindo na vespera com tanto somno, que nem reparára que havia um relógio em cima da mesa; quando voltava da janella, deu com elle, e viu que ainda não eram oito horas!

Com effeito, pouco depois da aurora ter vindo abrir com os dedos rosados as portas do Oriente, viera a menina Feliciana (parda n.º 2) abrir o piano com os dedos côr de cobre, e sobresaltar Eduardo com aquella desafinação matutina.

{92}

O nosso heroe arranjou-se á pressa, e abriu a porta do quarto. Apenas o ex-negociante o sentiu, veiu ter com elle rindo muito.

—Ora viva o nosso mandrião; vá almoçar, ande que lá tem guardado o almoço. Como passou a noute?

—Perfeitamente; eu peço mil desculpas do incommodo involuntario que lhe dei; mas vinha tão cansado, e com tanto somno, que, por melhores tenções que formasse, não consegui levantar-me a horas, mas protesto que será a ultima vez, que isto me ha de succeder.

—Nada... não incomoda, vá almoçar, ande, e volte depois para a sala ouvir as pequenas tocar piano.

Quando d'ahi a dez minutos o nosso heroe fez a sua entrada na sala, a menina Emilia, que estava sentada junto á janella em attitude melancolica e romanticamente scismadora, cumprimentou-o suspirando plangentemente; a menina Adelaide fez esforços incriveis para substituir a camada de secia que lhe cobria as faces, pela camada carminica indicativa de modestia; e a menina Feliciana, sacerdotisa do deus *Charivari*, sacrificou o *Miserere* do *Trovador*, para solemnisar a entrada de Eduardo Teixeira.

{93}

O sr. Bernardo, querendo mostrar ao seu hospede, que conhecia perfeitamente a musica que a filha estava tocando, assobiava ingenuamente o *Pirolito*. Eduardo, muito longe de suppôr que aquillo era musica de Verdi, inclinava-se para a interpretação musical do honrado negociante.

O nosso alferes foi sentar-se ao pé da menina Emilia, ouviu primeiro em silencio o *pseudo-Miserere*, e depois, inclinando-se para a provinciana, que suspirava amiudadamente, disse-lhe a meia voz:

—Está hoje um dia triste, não acha, minha senhora?

—Ah! não me falle n'isso; dias assim esmagam-me o coração. Estes dias *chubosos* são horriveis para os soffrimentos interiores!

{94}

—V. ex.^a padece do interior... azias de estomago, talvez?!

—Ah! não, senhor, sou excessivamente *nerbosa*; o espirito domina o que ha em mim de material!

—Hade-lhe fazer muito mal o café, minha senhora, aconselho-lhe os banhos do mar.

—Para os soffrimentos da alma não tem a medicina *valsamos*, respondeu a provinciana suspirando ruidosamente.

—Na sua idade, minha senhora, tornou Eduardo, vendo que não havia remedio senão afinar a conversa no tom de Emilia, na sua idade, só uma paixão infeliz produz grandes infortunios. Ora v. ex.^a póde inspirar, mas não sentir uma paixão infeliz, não julgo os santo-thyrsenses tão faltos de gosto, que algum d'elles recusasse a felicidade invejada por todos. Só se a morte lhe veiu truncar nas primeiras paginas algum romance da juventude...

E Eduardo, ufano (com rasão) do romanticismo da sua linguagem, recostou-se na cadeira com gravidade igual á d'um illustre orador, que, ao acabar um discurso monumental ácerca do sino da sua parochia, é cumprimentado por varios senhores deputados de todos os lados da camara, e de todas as côres politicas.

{95}

—Oh! mas vêr as illusões desfolharem-se pouco a pouco, observou a sr.^a D. Emilia, e ver trocar-se o amor ideal, que sonhámos, pela vil realidade d'este mundo prosaico... é atroz, não é?

—Soffrer tormentos horribes... eis a fatal predestinação das almas privilegiadas, tornou Eduardo, abanando a cabeça lugubrememente.

—Diz bem, diz. Ah! não encontrar eu no mundo uma alma irmã da minha, que comprehenda e avalie o meu affecto! Oh!

—Ih! que massadora, disse Eduardo com os seus botões; tem curso completo de romances sentimentaes. E o caso é que não é feia. Vou-me propor a candidato ao throno do seu affecto.

—Ó Feliciana, dizia entretanto o sr. Bernardo á menina que tocava piano, toca-me aquelle bocadinho do *Ernani*, de que eu gosto tanto.

—Qual é?

{96}

O illustre Bernardo começou a assobiar a *Maria Cachucha* aproximadamente.

—Ah! já sei, é a *cabatina* do soprano. Já toco.

—Eu, minha senhora, dizia Eduardo em voz cavernosa á sua interlocutora, tambem por muito tempo vaguei errante no mundo, sem encontrar a mulher que a Providencia me destinava, aquella que devia realisar os sonhos mais arrojados da minha phantasia. Nenhuma comprehendeu o amor santo e puro que eu lhe queria offerter... escarneceram-me e passaram.— Isto não vae mau, dizia elle lá de si para si; mas eu d'aqui a pedaço engasgo-me.— Sim, minha senhora, continuava Eduardo enthusiasmando-se, só agora posso dizer: *Eureka!* achei no mundo o anjo que eu sonhava... achei... sim, encontrei... sim, minha senhora, quero dizer que sympathisei com v. ex.^a desde que a vi, e que serei o mais feliz dos homens, se corresponder ao meu ardente amor.— Lá estraguei o effeito, concluiu elle em *áparte*, parece-me que este final é do *Secretario dos Amantes*.

—Eu, sr. Teixeira, respondeu a menina, procurando córar, eu acceitaria o seu amor, mas os homens são tão lisongeiros...

{97}

—Eu sou uma excepção, creia, minha senhora...

—A mim agradam-me os seus sentimentos, e sympathisei com o senhor tambem, logo que o vi; mas...

—Ó Emiliasinha, bradou o negociante, vem tocar tambem.

—Lá vou, *paesinho*.— Cale-se, continuou ella, dirigindo-se a Eduardo.

—Mas eu desejava tanto fallar-lhe mais em particular...

—Pois sim, logo ás onze horas da noite, desça ao quintal, que eu lhe fallo da janella do meu quarto, que deita para lá.

—Oh! quanto lhe agradeço!

—Silencio!

—Então, que lhe parecem as pianistas, exclamou o sr. Bernardo, sorvendo uma pitada, ha-as melhores em Lisboa?

—Qual historia! Suas filhas tocam admiravelmente! Se as levasse a Lisboa, haviam de ser muito admiradas.

—A Lisboa? Nada, isso é muito longe, lá estive agora o meu Dyonisio; por signal que hade estar a chegar. Elle é rapaz, pode ir; mas eu e a minha Belizaria, já estamos velhos para essas danças.

{98}

—É verdade, o mano Dyonisio temol-o cá um dia d'estes... muito se divertiu elle por lá provavelmente, observou a menina Adelaide com um suspiro.

—Deus queira que o Dyonisio se não esqueça de me trazer a musica, que lhe pedi. Ó sr. Eduardo quer ouvir a aria final da *Lucia*? perguntou a romantica Emilia.

—Pois não, minha senhora, com todo o gosto, respondeu Eduardo aproximando-se do piano.

—Como a musica exprime bem os sentimentos da alma! observou Emilia, quando o viu sentado ao pé de si—eu adoro as musicas tristes!

—Tambem eu, minha senhora, tambem eu.

—Acho prazer em derramar lagrimas, quando oiço algum trecho pathetico.

—Tambem eu, minha senhora, tambem eu.

—Que doce conformidade de sentimentos!

{99}

—Tambem eu, minha senhora, tanbem eu, tornou Eduardo distraidamente.

—Que diz?

—Que tambem me enleva, emendou elle, essa conformidade de sentimentos! Estou ancioso por ouvir a *Lucia*.

N'este ponto vejo-me obrigado a estygmatisar o meu heroe. Tornou-se cumplice de um assassinio. Para se salvar da entalação, em que a sua distracção o tinha collocado, sacrificou Donizetti, e a sua opera magistral. É imperdoavel!

—Quando o crime de lesa-harmonia se consummou, e foi devidamente applaudido por todos os circumstantes, o nosso Bernardo Guimarães, dirigindo-se ao moço alferes, convidou-o a ir dar um giro pela villa. Eduardo acceitou o convite com o enthusiasmo que os seus ouvidos magoados lhe inspiravam.

E, depois de ter trocado um olhar amoroso com a romantica donzella, saiu para ir admirar a villa de Santo Thyrso, e o seu convento.

N'essa mesma noite, pouco depois das onze horas, estava Eduardo Teixeira collocado no quintal da casa do sr. Guimarães, ao pé de uma janella pouco elevada, janella que servia de tribuna, onde a joven provinciana, declamava emphaticamente os seus discursos sentimentaes. {100}

Infelizmente para a romantica oradora, a noite estava fria e humida, o que tinha por tal fórma congelado a pouca doze de sentimentalismo, de que Eduardo podia dispôr, que respondia a uns protestos d'amor ardentes, com uns queixumes sobre a frialdade dos pés, e a um trecho sublime ácerca da lua argentea, da rainha da noite, com um espirro acompanhado por uma dissertação scientifica sobre o perigo das constipações desprezadas.

Estavam pois aquelles dois entes poeticos embebidos em tão suaves colloquios, quando de repente no quintal se sentiram passos apressados.

—Que será? bradou Emilia bastante assustada, retire-se depressa, não quero que ninguem o veja aqui.

—N'esse caso é impossivel safar-me, porque estão interceptadas as communicações!

—Mas como ha de ser isto, meu Deus!

—Como quem quer que fôr não se dirige ao seu quarto, conceda-me v. ex.^a por um instante licença que me esconda n'elle, porque lhe dou a minha palavra de honra, que saio, apenas o perigo tenha cessado. {101}

E, juntando a acção á palavra, Eduardo lançou as mãos ao parapeito da janella, e n'um pulo se achou dentro do quarto.

Com grande espanto dos dois, um outro vulto appareceu junto da janella, e, repetindo a manobra de Eduardo, entrou logo atraz d'elle no quarto da sr.^a D. Emilia Guimarães.

—Dyonisio! bradou aterrada a romantica donzella.

—Querem vêr que é o irmão, murmurou Eduardo.

—*Enbiou-me a Probidencia*, regougou o recém-chegado com intonação irreprehensivelmente melodramatica, é grande o crime, sr.^a D. Emilia da Fonseca Guimarães; a vingança ha de ser tremenda, senhor desconhecido! {102}

{103}

IV

Os meus leitores, se forem imparciaes, hão de confessar, que nunca leram scena de tanto effeito, nem de interesse tão palpitante.

O sr. Dyonisio, tyranno interino, typo de janota portuense (vide romances de Camillo Castello Branco) vinha embuçado n'um capote de camellão. Ora sabido é, que todos os embuçados, mesmo em chales-mantas, são terriveis; mas os embuçados em capotes de camellão attingem as raias da sublimidade melodramatica!

A victima masculina é Eduardo Teixeira, que um defluxo, complicado por uma grande frialdade de pés, torna duplamente interessante aos olhos de todos os leitores compassivos. A victima feminina é D. Emilia Guimarães, a qual, comprehendendo a situação n'um abrir e fechar d'olhos, *elevou-se* rapidamente á altura do seu papel, *caindo* artisticamente em cima d'uma poltrona, á falta de confidente, a quem dissesse como nas tragedias classicas: {104}

Desmaiar vou! Recebe-me em teus braços.

—Então quem é *bossenhoria*? Que fazia o senhor n'este quarto? perguntou o sr. Dyonisio, tirando o chapéu desabado com gesto magestoso, e armando-se de luneta, á falta de punhal.

—Eu... senhor... eu, tornou Eduardo, convencido que era o irmão, e conscio por consequente do direito que elle tinha para fazer a pergunta.

—Dyonisio, juro-te que sou innocente, exclamou a menina Emilia, levantando-se rapidamente, e correndo a ajoelhar-se aos pés do homem de capote de camellão, acredita-me Dyonisio. {105}

—Levantai-vos, senhora, vós não sois culpada; mas o infame seductor...

—Oh! senhor eu não seduzi ninguem.

—Calai-vos.

—Dyonisio, peço-te justiça, e não indulgencia. Eu não trahi os meus deveres, juro-o perante o

ceu, que estende sobre as nossas cabeças o seu manto azul, puro como a minha alma.

Exageração de metaphora. Sobre as suas cabeças estava apenas o tecto, que nem era azul, nem puro; porque estava muito sujo das moscas.

—Póde acreditar o que sua irmã lhe diz, atalhou Eduardo, posso asseverar-lh'o debaixo da minha palavra de honra.

—Minha irmã? As filhas da casa de Val-de-Camellos portam-se d'um modo mui differente do d'esta menina, indigna mesmo de sustentar o nome honrado de seu pae, o sr. Bernardo Guimarães.

—Não lhe admitto mais insultos, sr. Dyonisio Antunes de Val-de-Camellos, tenho a honra de lhe apresentar meu marido, o sr. Eduardo Augusto d'Almeida Teixeira. {106}

—Perdão, perdão, minha senhora, interrompeu com vivacidade o moço alferes, eu não hesitaria um momento em a chamar minha esposa, se devesse a v. ex.^a uma reparação, mas não ha coisa alguma que a isso se assimelhe, e, visto este senhor não ser seu irmão, vou ter com elle uma explicação mais corrente. Direi pois ao sr. Dyonisio de Val-de-Camellos, que está perfeitamente equivocado a meu respeito. Esta senhora lhe explicará, se a isso quizer descer, o motivo porque entrei no quarto d'ella. Poder-lhe-ia eu perguntar tambem o motivo porque veio cá metter o nariz. Comtudo, dir-lhe-hei unicamente que não tenho que lhe dar satisfações, a não ser n'um sitio mais conveniente do que este a explicações da natureza, das que hão de ter logar entre nós. O modo insolente com que me tratou a principio, merece uma correccão, e hade tel-a. Estou ás suas ordens.

—Um duello, e por minha causa, bradou Emilia, despenteando-se e procurando arranjar um olhar desvairado, oh! não façaes com que o sangue venhá manchar as minhas vestes virginaes. {107}

—Vamos embora, sr. Dyonisio.

—Vamos lá, respondeu o homem de capote de camellão, em tom um pouco menos arrogante.

—Suspendei! Dyonisio, sr. Eduardo, horror! Meu Deus, valei-me!

E desmaiou.

«Bravo!»—diria um espectador do theatro normal, entusiasta da *Dama de S. Tropez*.

Eu e o leitor applaudimos silenciosamente, e vamos seguir os nossos dois heroes, que saíram pela janella, perdendo-se assim todo o effeito de uma saída solemne pela porta de fundo, cujos batentes de papelão se abrissem de par em par.

Dyonisio e Eduardo atravessaram o quintal silenciosos; chegando a uma portinha que deitava para a estrada, o sr. de Val-de-Camellos tirou uma chave que trazia na algibeira, abriu a porta, e os dois contendores saíram.

—O sangue de um de nós ha de ser hoje derramado, vociferou o illustre janota do Porto, com tetrica intonação.

—Está dito; mas, a proposito, parece-me que não temos remedio senão jogar o sôcco; porque não temos armas, nem padrinhos, de sorte que o nosso duello tem todas as condições d'irregularidade. {108}

—Ora diga-me uma cousa, tornou Dyonisio, descendo das regiões melodramaticas ao terreno das explicações prosaicis, isto não se poderia conciliar amigavelmente?

—Oh! homem, isso é impossivel, o senhor descompoz-me atrozmente, abusando da identidade do seu nome com o do irmão d'Emilia, e realmente eu não vim ao Minho para receber descomposturas.

—Oh! senhor, tenha paciencia, a Emilia gosta d'essas cousas, e eu não tive remedio senão fazer aquella scena. Eu não tinha intenção offensiva. Mas que relações tem o senhor com a rapariga?

—Um simples namorico.

—Olhe, tornou Dyonisio coçando a cabeça, a D. Emilia Guimarães é uma senhora muita estimavel.

—Não duvido.

—Muito prendada!

—Apoiado. {109}

—Formosissima, continuou o sr. de Val-de-Camellos animando-se pouco a pouco.

—Pois não!

—Espirituosa! bradou o homem encaixando a luneta magestosamente no rubicundo nanz.

—Oh!

—Senhora, a quem amo delirantemente!

—Muitos parabens, sr. Dyonisio, muitos parabens!

—Unica mulher, que me pode tornar feliz.

—Oh! sr. Dyonisio, não me commova!

—Adoro-a, senhor, adoro-a como a uma estrella, que reluz nas trevas do meu viver.

—Bravo, ia-me arrancando lagrimas.

—E tem um dote de vinte contos de reis! concluiu o homem do capote de camellão com sublime expressão d'entusiasmo.

—Muito bem, sr. Dyonisio, muito bem. Permitta-me que o abrace. Que rasgos de sentimento! Commoveu-me profundamente. Foi o coração quem lhe dictou essas phrases entusiasticas. Esse argumento dos vinte contos revela claramente a pureza dos seus sentimentos. O patriarchal Dyonisio, cedo-vos Emilia. Não serei eu quem vá perturbar a felicidade conjugal, tão solidamente baseada. O amor, fugindo das grandes cidades, vem, segundo vejo, aninhar-se á sombra de vinte contos nos corações desinteressados dos jovens provincianos. Sr. Dyonisio Antunes de Val-de-Camellos, não servirei de obstaculo á sua felicidade. Adeus, seja venturoso!

{110}

—Oh! muito obrigado, generoso desconhecido! voltou Dyonisio, que estava decididamente infectado de romanticismo sombrio.

—Ámanhã parto para o Porto. Deixo-lhe o campo livre.

—Espero que me perdoe a involuntaria offensa.

—Não fallemos n'isso. O que lá vae, lá vae. Adeus.

—Adeus. Disponha do meu fraco prestimo.

Se os nossos dois amigos estivessem em Lisboa, tinham ido juntos a uma ceia no Matta, ceia, que (se elles fossem bem conhecedores dos costumes portuguezes em materia de duello) deveriam ter encommendado antes do desafio.

{111}

Assim, Dyonisio embuçou-se simplesmente no capote de camellão, e voltou para a cama, onde resonou pacificamente o resto da noite, sonhando que tinha comprado, com o dote de Emilia, uma junta de bois, e dois pedaços de terra, em que semeára milho, obtendo uma colheita formidavel, e grangeando deste modo tal consideração em Santo Thyrso, que tinha sido nomeado por unanimidade de votos... juiz eleito.

Eduardo meteu-se na cama, aqueceu os pés, transpirou muito, e no outro dia estava quasi livre do defluxo teimoso, que o apoquentára tanto.

Apesar de ter tido a felicidade de se curar com rapidez, o nosso alferes, que era um rapaz prudente, jurou nunca mais ter namoro com raparigas romanticas em noites de novembro

{112}

{113}

V

Ainda que as intenções madrugadoras de Eduardo Teixeira fossem as mais sinceras deste mundo, passou segunda vez pelo desgosto de não assistir ao almoço da familia. O nosso alferes chegou a convencer-se de que o almoço em Santo Thyrso, como a *tremenda* nos conventos dos monges negros, era lá por alta noite.

Quando entrou na sala achou a menina Emilia sósinha sentada ao piano. O vestido branco, que tinha envergado apesar do intenso frio, o cabelo muito de proposito em desalinho, as olheiras, que supponho tinham origem identica á das do Silvestre da Silva, de Camillo Castello Branco, mostravam que Emilia se tinha caracterizado convenientemente para representar a ultima scena de um melodrama.

{114}

Quando viu Eduardo, levantou-se, e caminhou a encontral-o, hirta e vagarosa. O joven official estacou á porta pasmado.

—Qual dos dois morreu? perguntou ella solemne e lugubrememente.

—Fui eu, minha senhora!

Seguiu-se um curto silencio.

—O senhor está zombando de mim? tornou Emilia.

—Não, minha senhora, estou respondendo á pergunta de v. ex.^a Com effeito, morri para o seu amor, sr.^a D. Emilia. Interroguei o meu coração, achei-o frio de mais para sentir uma d'essas paixões ardentes, que v. ex.^a deve inspirar. Não acontece o mesmo com Dyonisio. Minha senhora, vim descobrir um vulcão em Santo Thyrso, desmentindo por esta fórma a geographia. Esse Vesuvio desconhecido é o coração do sr. de Val-de-Camellos... Hontem os discursos de Dyonisio, se não me aqueceram os pés, que tinha muito frios, como v. ex.^a sabe, pelo menos aqueceram-me... o coração. Na lava candente, que brotou espontanea do peito d'aquelle joven, accendi eu o lume prompto da generosidade. Entendi que devia aconselhal-a a visitar essa cratera de paixão. Asseguro-lhe que se ha de abraçar. Digo-lh'o eu.

{115}

—Não zombe tanto de mim, sr. Eduardo. Se tive ligeiro namoro com esse rapaz, o amor verdadeiro, que sinto agora, dissipou completamente esse frivolo galanteio.

—Mas, minha senhora, v. ex.^a deve fazer a felicidade d'um Dyonisio. Attenda, por amor de Deus, á influencia dos nomes nos destinos dos individuos. O nome de Dyonisio dá logo a conhecer que o possuidor deve ter um caracter patriarchal. Ora casem, casem, meus pombinhos, tenham muitos filhos, e sejam muito felizes.

—Assim me despresa, sabendo que o amo!

—Não, minha senhora, não creia tal. Hei de ser sempre o maior dos seus admiradores.

—E mais nada?

—E de v. ex.^a o mais attento venerador.

—Ingrato, perfido! Disse-lhe que o amava, menti-lhe, detesto-o!

{116}

E a romantica menina ia aproveitar a situação, e a proximidade d'uma poltrona para desmaiar, quando felizmente entraram as duas manas.

Acabados os cumprimentos preliminares:

—Que pena tenho, minhas senhoras, de as ter conhecido, disse Eduardo; os momentos deliciosos, que aqui passei, servem apenas para tornar mais pungente a saudade, que me vae atormentar.

—Porque, deixa-nos? bradaram em côro as tres provincianas.

—Sim, minhas senhoras, recebi hontem noticia de ter obtido passagem para um regimento da capital, de forma que hoje mesmo tenciono partir para o Porto.

—Partir, quem falla aqui em partir? bradou o sr. Bernardo que entrava n'esse instante.

—Eu, sr. Guimarães, replicou Eduardo, que, depois de lhe agradecer immenso o modo amabilissimo com que me recebeu, lhe peço agora as suas ordens para o Porto e para Lisboa.

—Mas porque não se demora pelo menos alguns dias?

{117}

—Sou militar, sr. Guimarães, e devo cumprir á risca a ordem que recebi.

—Esta é que eu não esperava!

—Ingrato, e eu amava-o tanto, murmurou Emilia, recostando-se na poltrona.

—Então, minha senhora, cá fica Dyonisio para a consolar. É um bello rapaz, d'um caracter excellente, e com alguma applicação pôde-se tornar um heroe de romance. Dé-lhe v. ex.^a vinagre todos os dias, e receite-lhe uma dosé forte de Visconde d'Arlincourt, e verá como faz do sr. de Val-de-Camellos um rapaz ideal. Vou para Lisboa formar votos pela sua felicidade.

.....
N'essa mesma tarde, Eduardo Teixeira empoleirado no seu fiel rocinante, dizia adeus a Santo Thyrso, depois de ter aturado uma scena pathetica de despedida, tal como a poderia imaginar o mais lamuriento auctor de melodramas.

O sr. Dyonisio Antunes de Val-de-Camellos, veiu com grato coração, e com um jumento chibante, em que montava, acompanhar o nosso heroe á Travage, onde se despediu de Eduardo, protestando-lhe eterno agradecimento, e amisade constante.

{118}

Dyonisio Antunes continua serenamente o namoro com Emilia, sujeitando-se comtudo a uma dieta rigorosa, a ver se abate um pouco a sua nutrição anti-romantica.

O sr. Themudo cada vez embirra mais com o *D. Jayme*; e quando, em doces colloquios amorosos com D. Belizaria Guimarães, interrompe a conversação intima para fallar da depravação do seculo, cita o enredo do *D. Jayme*, e véla o rosto pudicamente com uma toalha de mãos. Belizaria sorve com indignação uma pitada de simonte.

Eduardo Teixeira, diz-nos pessoa fidedigna, que passa bem de saude, sendo comtudo muito sujeito a ataques de nervos, que o assaltam sempre que ouve... um piano!...

FIM

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK ASTUCIAS DE NAMORADA, E UM MELODRAMA EM SANTO THYRSO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically

ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this

electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from

donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.